



Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia

**Como as mulheres se relacionam com seus próprios corpos: um recorte
de raça**

Larissa Quintana

**Pelotas,
Dezembro/2020**

**Como as mulheres se relacionam com seus próprios corpos: um recorte
de raça**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em cumprimento das
exigências da disciplina de Pesquisa em
Psicologia II**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Camila Peixoto Farias

**Pelotas,
Dezembro/2020**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

Q7c Quintana, Larissa Menezes Lopes

Como as mulheres se relacionam com seus próprios corpos: um recorte de raça / Larissa Menezes Lopes Quintana ; Camila Peixoto Farias, orientadora. — Pelotas, 2020.

87 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Mulheres. 3. Corpo. 4. Racismo. 5. Psicanálise. I. Farias, Camila Peixoto, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Fernando e Grazielle, e à minha avó, Cleida, por todo apoio e incentivo à educação que sempre me deram ao longo da minha trajetória. Sou grata por todo esforço que vocês tiveram e têm até hoje, o qual foi fundamental para minha formação. À minha irmã, Eduarda, pelo companheirismo, amizade e amor, tão essenciais em minha vida.

Agradeço à minha família como um todo, tão grande e carinhosa, minha base no mundo, e que me mantém forte e segura.

Agradeço aos meus amigos mais antigos, Eulalia, Mateus e Rafaella, por estarem sempre presentes em minha vida e me inspirarem a melhorar cada vez mais. A admiração que sinto por vocês é enorme.

Agradeço às amigas que o curso de Psicologia me proporcionou, Joice, Juliana, Maira e Tagline, por terem sido ótimas companheiras nesses anos de graduação, e por terem se tornado pessoas as quais sempre vou amar ter por perto. O trabalho que vocês já fazem, e que continuarão realizando agora enquanto psicólogas, me motiva a querer ser cada vez mais uma profissional melhor.

Agradeço ao Cláudio, por todo apoio que tem me proporcionado nesta fase tão importante para mim, por todo acolhimento, amor e paciência. A dedicação que tens para com teus objetivos e teu trabalho é uma inspiração que fortalece o meu empenho nos meus.

Agradeço ao curso de Psicologia da UFPel, por ter tanta aplicação e esforço para proporcionar a nós, alunas e alunos, a melhor formação possível. A dedicação de todas professoras e professores é visível, e sou grata por fazer parte deste curso.

Agradeço, em especial, à professora Camila, por ter me orientado neste trabalho e me ensinado tanto ao longo dos anos de graduação, principalmente no último. A presença, disponibilidade, paciência e dedicação foram fundamentais para meu desenvolvimento.

Agradeço também à professora Marta, por ter me orientado ao longo do estágio de clínica, e por todos os ensinamentos que contribuíram para minha formação. O amor que demonstra pela psicologia estimula o meu próprio em relação à profissão.

Agradeço a todas psicólogas que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica, e que me proporcionaram aprendizados diversos. Às psicólogas do Hospital Santa Casa, Cristiane e Lídia, e às psicólogas da PRAE, Daniele, Juliana e Thaíse.

Agradeço ao grupo Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise, do qual fiz parte no último ano de graduação e que foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todas e todos colegas do curso de Psicologia, que foram tão importantes e presentes nos últimos cinco anos e fizeram parte de encontros tão significativos e transformadores.

Agradeço às professoras que compuseram a banca de avaliação do projeto, Fernanda, Flávia e Karine, pelas contribuições que foram necessárias para a constituição da pesquisa .

Agradeço imensamente à Júlia e Margot, as mulheres participantes desta pesquisa, sem as quais este trabalho não seria possível. Obrigada por compartilharem suas histórias e por toda confiança que depositaram neste trabalho.

não
há
apenas
um
corpo
de mulher.

nós somos
simplesmente
mulheres
que por acaso
têm
corpos...

abrigos
construídos para
proteger nossa
raiva-fogo de mulher
dos
furacões.

– *toda mulher é autêntica II.*

(Amanda Lovelace)

Resumo

QUINTANA, Larissa Menezes Lopes. **Como as mulheres se relacionam com seus próprios corpos: um recorte de raça.** Orientadora: Camila Peixoto Farias. 2020. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020

O presente trabalho constitui-se em um estudo de caso, a partir da perspectiva psicanalítica, com duas mulheres, sobre as relações que elas possuem com seus corpos. Foram realizadas cinco entrevistas com cada uma, as quais se deram de forma online e foram gravadas, entre os meses de agosto e setembro de 2020. O trabalho teve por objetivo analisar as relações que as mulheres têm estabelecido com seus corpos, na contemporaneidade, a partir do olhar da psicanálise e de um recorte racial, tendo sido escolhidas uma mulher negra e uma mulher branca para integrarem a pesquisa. Após o levantamento de questões históricas e culturais, a análise foi feita a partir da utilização do método psicanalítico de pesquisa, na qual foram examinados aspectos referentes à insatisfação com a imagem corporal, articulando com o machismo e o racismo presentes estruturalmente na sociedade. Foram levantadas mais questões e possíveis relações dessas violências com a experiência das mulheres com seus corpos.

Palavras-chave: Psicanálise. Mulheres. Racismo.

SUMÁRIO

1. UMA AUTOCRÍTICA NECESSÁRIA.....	9
1.1 Sobre o projeto de pesquisa.....	9
1.2 Sobre a pesquisa.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	12
3. OBJETIVOS.....	16
3.1 Objetivo geral.....	16
3.2 Objetivo específicos.....	16
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
4.1 Invisibilização do corpo feminino como forma de dominação	17
4.2 Transição para a contemporaneidade.....	22
4.3 Super visibilidade do corpo feminino como forma de dominação.....	29
4.4 Mulheres negras, o racismo e a insatisfação corporal.....	32
4.5. Aspectos psíquicos.....	38
5. METODOLOGIA.....	41
5.1 Desenho do estudo.....	41
5.2 Cenário do estudo.....	42
5.3 Participantes da pesquisa.....	42
5.4 Instrumentos para coleta de dados.....	43
5.5 Procedimento.....	43
5.6 Análise de dados.....	44
5.7 Aspectos éticos.....	45
6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	46
6.1. Um resumo sobre as mulheres participantes.....	46
6.3. Violências.....	46
6.2. Constituição do Eu.....	56
6.4. Distorção da imagem corporal.....	66
6.4. Saber versus sentir.....	70
6.5. Pandemia de COVID-19 e as repercussões na relação com o corpo.....	75
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
7.1. Sobre o trabalho.....	79
7.2. Minhas impressões.....	81

8. REFERÊNCIAS.....	83
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	86

1. Uma autocrítica necessária

1.1. Sobre o projeto de pesquisa

Tendo em vista que este é um trabalho em constante construção, acredito ser necessária a explicação de uma parte do caminho que foi realizado, para ressaltar o que ainda pretende-se mudar e melhorar ao longo dessa pesquisa.

Uma das ideias iniciais era pensar quais as relações que as mulheres estabelecem com os próprios corpos na contemporaneidade. Para isto, foi realizado um apanhado histórico e uma contextualização da sociedade contemporânea, que está inserida logo ao início da revisão bibliográfica. Em alguns dos materiais utilizados não eram feitos recortes quanto às raças e às classes sociais, e o trabalho foi seguindo a mesma direção, dando espaço apenas para as histórias das mulheres brancas, principalmente as de classes média e alta. Ou seja, o trabalho tratava-se de um recorte, mas foi escrito inicialmente como se abrangesse um universal, e, principalmente, como se esse universal existisse.

Quando este ponto foi percebido, foi ressaltado que este recorte estava sendo feito, e por mais algum tempo o trabalho caminhou neste sentido. Entretanto, com algumas leituras feitas posteriormente, das autoras bell hooks e Grada Kilomba, foi percebida a necessidade de introduzir as questões das mulheres negras. Essa necessidade se deu principalmente da percepção de que mesmo que estivesse explícito que este trabalho produzia um recorte específico das mulheres brancas de classes mais altas, ele ainda assim ia ao encontro de alguns materiais lidos, gerando a invisibilização da história das mulheres negras, principalmente por elas aqui não estarem de nenhuma forma representadas, devido às grandes diferenças das vivências históricas e do racismo que por elas é sofrido.

Portanto, foi introduzido mais ao fim um tópico trazendo essa questão, que ainda encontra-se incompleto, devido à não menção de grande parte da história das mulheres negras, incluindo todo o processo de escravização, que aqui é fundamental para entender o contexto atual. Também é necessário pensar os possíveis desdobramentos psíquicos das violências sofridas por essas mulheres, uma vez que certamente possui aspectos diferentes dos que

serão pensados através da história das mulheres brancas, por estas não sofrerem com esse processo violento de preconceito racial.

Para além desse ponto, é importante ressaltar também qual é o mundo contemporâneo do qual estamos falando. Certamente é um mundo onde nem todas estão inseridas, é um mundo onde aquelas que encontram-se excluídas de alguma forma da sociedade não participam, e que acabaram por ser excluídas desta pesquisa também.

Outro ponto que a ideia do projeto infelizmente não conseguiu abarcar foi a questão das demais mulheres não brancas, e não negras, devido às escolhas da pesquisadora para a realização da pesquisa.

Sabe-se que a escrita está em permanente construção, porém foi necessário ressaltar aqui os aspectos que se pretende melhorar, bem como aqueles que não se conseguiu pensar para incluir na construção da pesquisa.

1.2. Sobre a pesquisa

No momento em que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e tudo estava pronto para o início da coleta de dados, teve início a Pandemia de COVID-19, cuja existência nos trouxe uma série de necessidades de cuidado, incluindo o isolamento social.

As entrevistas seriam presenciais, e para proteger a pesquisadora, bem como as participantes, foram adaptadas para ocorrer de forma online, através de chamada de vídeo. Portanto, foi necessário que o projeto fosse adaptado e passasse novamente pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Com as alterações, houve mais uma restrição quanto às participantes. Se inicialmente seriam incluídas apenas mulheres com 18 anos ou mais, autodeclaradas brancas ou negras, agora também deveriam ser mulheres com acesso à internet, e, mais ainda, uma internet suficientemente boa que possibilitasse chamadas de vídeo. Foi uma medida de cuidado necessária, mas devemos reconhecer que houve mais uma marcação na participação das entrevistadas, a marcação de classe social. Talvez devido a isso ambas as participantes acabaram por ser estudantes universitárias.

Outro ponto importante de ser mencionado é que a pesquisa sempre demarcou o tempo atual como um dos determinantes para as relações que as

mulheres estabelecem com seus corpos, e esse momento presente foi drasticamente alterado com a situação da pandemia. Determinadas vulnerabilidades sociais já existentes foram acentuadas, surgiram sofrimentos psíquicos decorrentes das diversas situações que envolvem a doença, como medo do contágio, medo da possibilidade de morte, fragilização dos laços sociais para quem pôde realizar isolamento, bem como a maior vulnerabilidade para quem não possui o privilégio de ficar protegido em casa, entre tantas outras questões experienciadas por cada sujeito.

É importante ressaltar que no momento em que este trabalho está sendo escrito, no Brasil, de acordo com o Google Notícias (2020), já houveram mais de 5 milhões e quinhentas mil pessoas contaminadas pelo vírus, bem como mais de 160 mil mortes. Relatos sobre a vivência na pandemia apareceram nas narrativas das mulheres entrevistadas, inclusive de forma relacionada diretamente com o tema da pesquisa, o corpo.

Tudo isto posto, podemos perceber que a pandemia de COVID-19 influenciou tanto na forma das entrevistas, quanto no conteúdo. Todavia, as narrativas foram extremamente ricas, repletas de pontos interessantes e o único problema encontrado foi o de não ser possível incluir tudo neste trabalho. Enquanto finalizamos a escrita do texto, podemos afirmar que a pesquisa em si não está finalizada. Assim como no momento final do projeto, agora no momento final do trabalho, mantemos a convicção de que a única limitação que nos impossibilita de permanecer na infinita construção da pesquisa é o tempo.

2. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo investigar e analisar as relações que as mulheres têm com os próprios corpos, na contemporaneidade. Inicialmente realizamos uma revisão de literatura a fim de mapear a forma como a relação das mulheres com o próprio corpo foi sendo construída ao longo dos últimos séculos.

O resgate da história e da tradição em relação à feminilidade construída ao longo dos últimos tempos é necessário para o entendimento das origens das posições que as mulheres têm ocupado na sociedade, bem como de suas vivências na contemporaneidade. Esse resgate vai justamente ao encontro da ideia de complexificação, uma vez que a partir dele, como indica Kehl (2016), é possível um retorno dos aspectos recalcados, a fim de podermos repensar o significado de ser mulher ao longo dos tempos, e colocar em evidência as diversas maneiras de dominação das mulheres e de seus corpos.

Tendo o resgate histórico como um dos alicerces, pretendeu-se entender a posição e a vivência das mulheres no mundo contemporâneo. Para tal, realizamos uma breve discussão acerca de algumas características da sociedade atual.

É importante ressaltar que as mulheres aqui não representam um grupo único e uniforme, pois há diferenças gritantes entre as trajetórias das mulheres brancas e negras, assim como as que estavam/estão inseridas nas classes mais baixas e mais altas da sociedade. Nem todos os materiais lidos ressaltam as diferenças existentes, e muitos textos referem-se às mulheres brancas e de classe média e alta, e as relações que elas estabeleceram com seus corpos, ao longo da história. Fizemos um esforço para romper com tal lógica, entretanto a incompletude do que foi escrito é evidente, o que revela a necessidade de se estudar/pesquisar mais sobre a diversidade do grupo de mulheres. Sendo este um grupo tão abrangente, foi escolhido pensar mais especificamente as questões raciais. E dentro das questões raciais, foi feita a escolha de aprofundar as questões das mulheres negras e das mulheres brancas, uma vez que não seria possível abranger todas as questões raciais ao longo deste projeto.

Essa diferenciação é fundamental uma vez que o racismo gera diversas consequências psíquicas e na relação das mulheres negras com o próprio corpo, consequências estas que não são vivenciadas pelas mulheres brancas.

Toda a contextualização histórica e cultural que foi feita ao longo do trabalho teve por objetivo oferecer um suporte, com o objetivo de abrir caminho para pensar seus desdobramentos no que se refere aos modos construídos pelas mulheres brancas e negras de relação com o próprio corpo. No sentido de pensarmos essa relação como situada, como uma construção histórica e social. Dessa forma, a constituição psíquica foi pensada tanto em relação com os resquícios históricos que produziram formas inconscientes de vivência e percepção de si, bem como pensar como as relações estabelecidas consigo mesmas, com os outros e com a sociedade no mundo contemporâneo podem influenciar a relação que as mulheres estabelecem com seus corpos. Essa relação parece ser marcada por uma insatisfação direcionada à autoimagem corporal, podendo permanecer nesse campo do desconforto, ou avançar para questões patológicas, como pode-se perceber nos transtornos alimentares, por exemplo (FERNANDES, 2006).

É importante ressaltar que esse estudo não teve por objetivo encontrar uma verdade única sobre a temática, uma vez que cada sujeito vivencia as situações de uma forma singular, tendo em vista os atravessamentos histórico-sociais e os recursos psíquicos disponíveis.

Essa forma de pensar o trabalho vai ao encontro do método que foi utilizado, o método psicanalítico de pesquisa. Ele foi escolhido justamente por ver a pesquisa como um processo, que permanece em constante construção, e que não defende respostas universais sobre o tema estudado. Ele reconhece as limitações e a possibilidade de abranger apenas alguns aspectos das pessoas entrevistadas. Estas, por sua vez, são parte atuante da pesquisa, não são vistas como meros objetos a serem estudados.

Devido à complexidade do assunto deste trabalho, e a não intencionalidade de pensar respostas estáticas e universais, foi escolhido estudar a temática com um número pequeno de participantes. A fim de utilizar aspectos relativos ao gênero feminino, foram solicitadas participantes mulheres, e, para que a temática racial pudesse ser estudada em parte, optou-se por abrir a possibilidade de participação de mulheres brancas e negras,

utilizando uma representante de cada, não no sentido de que essas mulheres fossem representar todas as outras que se autodeclararam negras ou brancas, mas sim para poder trazer as temáticas relativas à branquitude e à negritude.

Devido à pandemia de COVID-19, a pesquisa precisou ter seu formato alterado, e as entrevistas que seriam presenciais passaram a ser via internet. As alterações tornaram necessária uma nova submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa, o que levou a um atraso da divulgação e consequente realização dos encontros, só tornando possível que essa parte fundamental do trabalho fosse realizada meses após a apresentação do projeto inicial.

Após os encontros com as mulheres que foram selecionadas, as entrevistas foram submetidas à análise, e alguns pontos trazidos nelas se sobressaíram, e portanto foram os priorizados na construção da pesquisa. Um deles é a questão das violências que as mulheres sofrem, tanto no âmbito privado quanto público. Também foi percebida a importância de trazer os aspectos relativos à constituição do Eu, e os atravessamentos das relações com os outros nessa construção. Outra questão interessante que se optou trazer foi a que se refere à contradição entre o saber e o sentir, ou então, sobre os aspectos que, no senso comum, representariam a razão e a emoção, o que aqui não são vistos como contraditórios. Por fim foi percebida a importância de se falar sobre a pandemia, uma vez que ela configura um aspecto essencial da contemporaneidade, no momento em que este trabalho foi escrito.

Por fim, é fundamental explicitar o motivo da escolha do tema, uma vez que a pesquisadora está implicada diretamente na pesquisa, desde a escolha do assunto abordado, até o momento das análises. Ao longo dos estágios realizados durante o curso de psicologia tive a oportunidade de entrar em contato e atender algumas mulheres, diferentes entre si em muitos pontos, com múltiplas questões, que as faziam procurar o atendimento pelos mais variados motivos.

Entretanto, em muitas delas, as questões relacionadas à temática da imagem de si mesmas, bem como da autoimagem corporal eram bastante evidentes, e trazidas para os atendimentos ocupando um local de destaque em suas falas. Alguns pontos traziam a questão de insatisfação consigo mesmas, com o próprio corpo, inseguranças, situações de machismo sofridas, e preconceito pela forma de seus corpos.

Meu interesse foi crescendo a partir desse contato com essas mulheres, apesar de não ter surgido ali. Essa questão é algo que sempre atravessou minha própria vida, pelo fato de eu ser uma mulher, e conviver diariamente com mulheres, e observar, no dia-a-dia, as dificuldades, insatisfações e sofrimentos de muitas mulheres com relação a si mesmas e seus corpos.

O fato de eu ser uma mulher branca localiza minhas experiências em relação ao meu corpo em um recorte completamente diferente do das mulheres negras. Isso passou a me inquietar também.

Portanto, senti a necessidade de, através dessa pesquisa, buscar entender, a partir de um recorte racial – articulando aspectos do contexto sócio-cultural e suas reverberações psíquicas – os possíveis aspectos que estão implicados na insatisfação das mulheres negras e das mulheres brancas com os próprios corpos.

3. OBJETIVO

3.1 Objetivo geral

Analisar a relação das mulheres com o próprio corpo na contemporaneidade, a partir de um recorte racial.

3.2 Objetivos específicos

- Descrever e analisar os aspectos históricos e culturais que atravessam a insatisfação das mulheres brancas com o próprio corpo;
- Descrever e analisar os aspectos históricos e culturais que atravessam a insatisfação das mulheres negras com o próprio corpo;
- Pensar os aspectos da transmissão geracional que atravessam a relação estabelecida com o próprio corpo;
- Pensar as consequências do racismo para a relação que as mulheres negras estabelecem com o próprio corpo;
- Pensar as consequências da branquitude para relação que as mulheres brancas estabelecem com o próprio corpo;
- Proporcionar uma escuta qualificada às participantes da pesquisa;
- Refletir sobre a temática a partir da escuta das participantes e da perspectiva psicanalítica.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Invisibilização do corpo das mulheres brancas como forma de dominação

As questões histórica e culturais são fundamentais para entender a constituição do sujeito (BORIS; CESIDIO, 2007). Ao longo dessa pesquisa, na qual buscamos investigar a relação das mulheres brancas e negras com os próprios corpos na contemporaneidade, torna-se necessário pensar a posição que as mulheres ocuparam e têm ocupado na sociedade, evidenciando principalmente o papel de seu corpo, o qual tem sido sinônimo de prisão ao longo dos últimos séculos (MARTINS, 2004).

É importante ressaltar que quando falamos mulheres, obviamente não nos referimos a todas elas. Não que os corpos de todas as mulheres não tenham sofrido consequências da lógica sócio cultural vigente, mas certamente existem recortes que possuem atravessadores diferentes, influenciando de outras formas essas personagens.

As mulheres, bem como seus corpos, sofreram imposições ao longo da história, as quais estavam diretamente relacionadas ao momento histórico e contexto vivido (BORIS; CESIDIO, 2007). Nesta parte do texto foram utilizadas referências que aludem principalmente às mulheres inseridas na classe média da cultura ocidental, portanto pode-se entender também como sendo as mulheres brancas da época.

Nos livros lidos, há dois pontos que foram pensados como fundamentais para entender a posição da mulher branca na sociedade. Um deles é a ciência, mais especificamente a medicina, que utilizou da posição de saber para construir imposições sociais com justificativas embasadas em um “discurso científico”, utilizando o corpo da mulher como objeto de estudo. O outro ponto é o capitalismo, o qual possui influência direta nas visões do feminino, principalmente na atualidade, aproveitando-se do corpo da mulher como objeto de consumo.

Para tentar seguir uma ordem cronológica, podemos começar com os livros *O Calibã e a Bruxa* (2017), e *Mulheres e Caça às Bruxas* (2019), ambos da Silvia Federici, nos quais a autora resgata os aspectos da caça às bruxas realizada na Europa, entre os séculos XV e XVIII. Apesar de dever ser pensada

como possuidora de diversas causas, foi fundamental para a instituição do capitalismo, tendo sido as “bruxas” mulheres resistentes a esse movimento (FEDERICI, 2017, 2019).

As bruxas nada mais eram, em sua maioria, mulheres pobres e mais velhas (estas últimas muitas vezes guardavam a memória do modo de vida anterior, e procuravam espalhar essas lembranças como forma de resistência, o que era considerado uma ameaça ao novo sistema instituído), destituídas de suas terras no início do processo de cercamento das terras e acumulação do capital. Ao longo do período feudal, as mulheres brancas, apesar de já serem postas em uma situação de submissão aos homens, possuíam certa autonomia, dispondo dos recursos oferecidos pelas terras comunais, tinham seu trabalho reconhecido como tal, conseguindo assim promover seu próprio sustento (FEDERICI, 2017).

Entretanto, no fim do período feudal, com o início das mudanças estabelecidas nesse momento histórico e o começo do cercamento de terras comunais por parte dos senhores feudais e dos camponeses mais abastados, os camponeses mais pobres foram retirados das terras que ocupavam e utilizavam para o próprio sustento. O trabalho assalariado foi a nova forma imposta para garantir a sobrevivência dos homens, apesar de não ser o suficiente para sustentá-los (FEDERICI, 2017).

Com essa exclusão, houve um aumento das desigualdades sociais e da pobreza das classes mais baixas, constituídas em grande parte por mulheres brancas, principalmente as solteiras e viúvas, as quais se beneficiavam das terras comunais para promoção do próprio sustento. Na nova ordem estabelecida, tais mulheres foram excluídas de grande parte dos trabalhos assalariados, sendo vítimas dessa separação sexual do trabalho, limitadas aos trabalhos relacionados à reprodução, ou seja, gerar novos homens que serviriam como mão-de-obra para o capitalismo que estava surgindo, bem como promover os cuidados do lar e dos homens, dos quais elas se tornaram novos objetos de servidão, substituindo assim o local de posse pelas terras antes ocupado (FEDERICI, 2017).

É importante ressaltar que o trabalho doméstico realizado pelas mulheres brancas não era reconhecido como tal. Esse não reconhecimento tinha muito mais a ver com o sexo de quem o fazia, do que com o trabalho em

si, uma vez que quando realizados por homens eram reconhecidos e pagos (FEDERICI, 2017).

A autora ressalta, porém, que a pobreza não era o único ponto que transformava uma mulher em “bruxa”, pois para além de vivenciar a pobreza, essas mulheres eram resistentes a essa exclusão social, e reagiam muitas vezes com insultos e ameaças. A independência feminina perante os homens, e as atitudes consideradas como transgressões sexuais eram outros pontos levados em consideração durante as acusações de bruxaria (FEDERICI, 2019).

A sexualidade feminina era vista como uma ameaça ao poder dos homens, pois, de acordo com eles, poderia ser utilizada pelas mulheres como forma de exercer controle. Portanto, tornou-se necessária a demonização dessa sexualidade, a fim de exterminar a ameaça. Essa sexualidade foi reconstruída com o único objetivo de proporcionar satisfação aos homens, bem como de garantir a reprodução. Havia o medo também da aquisição de dinheiro por parte das mulheres, o que justificaria assim a condenação da prostituição (FEDERICI, 2019).

É importante ressaltar a contradição existente na época, na qual a reprodução dentro do lar era muito valorizada, sendo condenada quando acontecia fora do casamento. Já nesse momento as acusadas de transgressão eram mulheres brancas, uma vez que os homens dispunham da liberdade de tomar para si qualquer mulher que ocupasse as classes mais baixas da sociedade, podendo estuprá-las sem medo de punição alguma. Não que a punição não existisse, mas ela era direcionada às próprias vítimas da violência. As autoridades acreditavam que permitir essa liberdade sexual aos homens auxiliaria na contenção das revoltas realizadas por eles (FEDERICI, 2017).

A utilização da igreja como ponto de acusação, invocando assim o diabo para demonizar os comportamentos dessas mulheres, pode ter sido uma forma de expor como exemplo às outras mulheres o que era considerado certo e errado, transmitindo o medo e evitando outras resistências. A exposição pública dos julgamentos, punições e assassinatos dessas mulheres favorecia o terror de ser considerada bruxa, promovendo a obediência frente ao que era imposto às mulheres (FEDERICI, 2017).

Nessa época as mulheres detinham os saberes em relação à reprodução e à natureza, muitas vezes atuando como curandeiras e parteiras

como forma de subsistência. Esse pode ter sido um outro fator ameaçador para seus acusadores, uma vez que essas práticas eram consideradas mágicas e proporcionavam poder às mulheres, ao mesmo tempo em que iam de encontro à racionalização proposta pelo modelo capitalista, que nesse momento já desvalorizava a natureza e a não racionalização (FEDERICI, 2017).

Todos os pontos citados refletem um medo, por parte dos homens, dos poderes possuídos pelas mulheres brancas. O medo da sexualidade, dos saberes medicinais, da propagação dos conhecimentos por parte das mulheres mais velhas, da resistência à privatização das terras e principalmente da resistência a se submeter aos homens. A caça às bruxas foi assim um movimento de extrema violência que visava em última instância a manutenção e o aumento do poder dos homens sobre as mulheres, em outras palavras, que pretendia aumentar a subordinação das mulheres aos homens.

A caça às bruxas durou aproximadamente quatro séculos na Europa, e seu fim se deu logo antes da ocupação da medicina como um campo de saber que permaneceu sustentando e perpetuando a concepção de inferioridade feminina. Entre os séculos XVIII, XIX e início do XX, temos inicialmente a invisibilização de toda existência feminina, sendo as mulheres submetidas a ser nada mais do que homens sem um pênis aparente, portanto inferiores àqueles que o possuíam de forma visível. Nessa época os homens não obtinham conhecimento sobre o corpo das mulheres, e criaram a ideia de um sexo único. Esse sexo poderia ser sinônimo de poder, calor e luz, quando possuíam suas genitálias externalizadas, bem como poderiam representar sombra, frieza e submissão quando suas genitálias supostamente estavam internalizadas (MARTINS, 2004).

As mulheres eram vistas como imperfeitas, dentro de uma lógica da falta. Tanto da falta de calor mencionada anteriormente, quanto de um pênis, o que aparentemente era necessário para ocupar um lugar superior na sociedade da época, e que permanece semelhante na atualidade. (MARTINS, 2004).

Esses aspectos evidenciam não uma falta da/na mulher, mas a falta de conhecimento dos homens em relação ao corpo feminino, e até mesmo um possível não desejo de conhecimento por parte desses homens, os quais ocupavam as posições da sociedade nas quais era dada a possibilidade de busca pelo saber (MARTINS, 2004).

Entretanto, no século XIX o corpo feminino começa a ser estudado, a fim de com base na anatomia corporal definir os papéis sociais de gênero. Evidenciou-se as diferenças biológicas, entretanto estas receberam significantes relacionados à moral, às capacidades e papéis de cada um, perpetuando assim as desigualdades já existentes anteriormente. O útero recebeu destaque nesse contexto, e junto a ele veio a reafirmação da fantasia que já havia sido criada: a de que o papel social da mulher branca era ser mãe. A menstruação também era entendida como algo que tornava essa mulher fragilizada, instável e inapta a realizar as mesmas tarefas feitas pelos homens, reforçando sua “prisão domiciliar” (MARTINS, 2004).

Criou-se a ideia de patologização do corpo da mulher branca, através da crença de que o útero era sensível ao que era externo, o que poderia provocar adoecimento. A partir desse ponto, as justificativas para determinar uma série de restrições a essas mulheres estavam dadas. Foi também estabelecido um limite entre normal e patológico, tendo como parâmetro a submissão ou não da mulher branca às suas funções sociais (MARTINS, 2004).

Nesse momento, apesar de o interesse dos homens nesse corpo ser evidentemente grande, o corpo em si, bem como a sexualidade da mulher branca ainda eram negados, sendo seu único dever a reprodução (MARTINS, 2004).

Com essa convicção posta, surgiram visões de uma mulher dominada pelo desejo sexual, o que poderia pôr em risco a única função de sua existência. Essa mulher, vista como doente ao praticar atos como masturbação e prostituição, como objeto de estudo que era, viu-se no centro de uma série de tratamentos médicos dispostos a lhe oferecerem a cura para sua depravação (MARTINS, 2004). Nesse contexto, diversos comportamentos femininos que não estavam alinhados à lógica de submissão determinada socialmente foram patologizados e transformados em sintomas justificando intervenções e até mesmo o encarceramento feminino em instituições.

É importante ressaltar essa posição de objeto de estudo, pois seus corpos eram de grande interesse aos homens, enquanto elas como um todo permaneciam passivas, destituídas das suas posições de poder sobre si mesmas, colocadas em uma posição de objeto (MARTINS, 2004).

Com o surgimento da ginecologia e da obstetrícia os corpos das mulheres brancas passaram a ser cada vez mais estudados e expostos de forma realista, acabando com o “mistério” que representava para os homens, os quais acreditavam que conhecendo seus corpos, as conheceriam como um todo. Essa presunção masculina parece confirmar a ideia que se tinha de que as mulheres eram apenas seus corpos, e ainda hoje podemos sentir os desdobramentos dessa fantasia que imperou por muito tempo no imaginário social (MARTINS, 2004).

Dessa forma, percebe-se como a invisibilidade dos corpos femininos foi utilizada para manter as mulheres brancas sob controle. Estas não passavam de objetos da ciência, passivas e mesmo quando seus corpos foram “descobertos”, elas como um todo supostamente também foram. Não descobertas no sentido de serem efetivamente olhadas, escutadas e respeitadas, mas sim no sentido de serem expostas a uma sociedade machista e patriarcal que as via e as situava socialmente de forma inferiorizada e subalternizada (MARTINS, 2004).

Essa inferiorização se dava em relação às capacidades intelectuais, camuflada em um discurso de superioridade feminina, pela sua capacidade de gerar vida e criar os homens, os verdadeiros protagonistas da sociedade. A mulher branca passou de mulher invisível para uma “super mulher”, com o único “super-poder” de ser mãe. Assim a lógica de dominação e inferiorização continuaram as mesmas, os homens decidiram conferir esse “super poder” às mulheres brancas da época e elas deviam se contentar e limitar suas existências à maternidade (MARTINS, 2004).

Pode-se perceber, portanto, um histórico de violência contra as mulheres brancas, através de falsas acusações de bruxaria, repressão da sexualidade e limitação quanto às possibilidades de atuação social e à utilização do próprio corpo. Toda essa trajetória vivenciada por essas mulheres no passado reflete nas suas existências no presente. A seguir será feita uma contextualização do mundo contemporâneo, para chegarmos ao ponto de pensar a vivência das mulheres brancas e a relação com seus corpos no contexto pós-moderno.

4.2. Transição para a contemporaneidade

A posição da mulher branca na sociedade foi inúmeras vezes reconstruída, sendo sempre um ponto contra o qual os homens lutaram, a fim de perpetuar sua dominação. As lutas feministas estiveram constantemente presentes ao longo desses períodos de controle exercido sobre as mulheres brancas, e podem ser percebidas desde a época da caça às bruxas, as quais eram mulheres que se rebelavam contra o sistema que estava sendo imposto, até esse momento de enaltecimento da maternidade, no qual haviam mulheres resistentes, vistas como adoecidas/anormais. Entretanto essas lutas intensificaram-se no fim do século XIX e início do XX, proporcionando diversas conquistas a um grupo de mulheres brancas ocidentais.

No século XX, com o aumento do individualismo e de uma suposta maior liberdade, ainda muito restrita para as mulheres, houve uma ruptura com as tradições e heranças existentes até o momento. Entretanto, apesar de haver essa ruptura com o ideal dessas tradições, ao nível da consciência, elas foram de certa forma internalizadas, o que em psicanálise se acredita como sendo desencadeante de repetições. Ou seja, apesar de não se concordar mais com as afirmações de uma inferioridade feminina, e que tenha havido muitas lutas e a conquista de diversos direitos, as consequências do processo histórico vivido pelas mulheres brancas ao longo dos últimos séculos são evidentes até hoje (KEHL, 2016). Um exemplo dessas repetições é a questão da maternidade que era muito idealizada como única função das mulheres brancas no passado, e que hoje ainda é vista de uma forma romantizada e percebe-se um estranhamento quando algumas mulheres afirmam que não têm o desejo de serem mães.

Essas repetições, geradas pela desconexão com as origens das tradições, e com o esquecimento da história, tornam-se evidentes através da perpetuação dessas formas de dominação feminina. Essa desconexão leva ao pensamento de naturalização das ideias, e conseqüentemente à repetição das ações passadas, muito semelhantes quanto às ideias, porém mais moderado quanto ao comportamento, como acontece na questão da maternidade. Não é surpreendente que apesar de terem havido diversas mudanças no mundo ocidental no que se refere às mulheres brancas, principalmente devido às conquistas feministas, podemos perceber ainda a ação preponderante do

machismo e reproduções da sociedade patriarcal na contemporaneidade (KEHL, 2016).

Outro ponto de reflexão é a questão da constituição de uma imagem de si, referente à posição que ocupa na sociedade e às possibilidades de existência dentro dela. Na época do feudalismo, e ainda no início do processo de cercamento de terras, essa imagem era estabelecida logo no nascimento, com toda uma rigidez das posições sociais, e não havia espaço para questionamentos, para uma reflexão sobre quem se é individualmente no mundo. Entretanto, na modernidade, onde teoricamente surgiu a possibilidade de se inventar, de refletir sobre quem se é, quais os papéis que produzem e quais locais ocupam ou podem ocupar na sociedade, irrompem com mais força as preocupações referentes a quem se é, ou o que se busca ser (KEHL, 2016).

É importante ressaltar que essas possibilidades se dão dentro de um recorte da classe média e alta, pois sabemos que muitas mulheres, principalmente mulheres negras, encontram-se limitadas às suas condições de nascimento, estabelecidas na margem da sociedade ou mesmo fora dela, não dispendo dos recursos necessários para buscar seus sonhos, ou mesmo de apenas sonhar, lutando ainda dentro do campo da necessidade.

Um dos materiais estudados traz a contradição entre os ideais modernos de liberdade e criação de si, com a posição da mulher branca como ainda restrita ao lar e ao casamento. Podemos perceber como esses conceitos eram idealizados pelos homens, sendo as mulheres brancas objetos para a sustentação da imagem masculina, principalmente no século XIX e início do XX. Enquanto os homens brancos das classes média e alta poderiam pensar sua posição dentro da sociedade, como na escolha de uma profissão, por exemplo, as mulheres brancas ocupantes dessas mesmas classes nesse momento ainda estavam bastante restritas aos laços com esses homens, sem dispor da mesma liberdade que eles, auxiliando na manutenção da aparência de uma vida doméstica tranquila e confortável, quando ainda eram vistas como posses destes homens (KEHL, 2016). Neste momento é interessante pensar se essas imagens sociais de ambos não estariam interligadas, sendo eles mais respeitados quando suas mulheres eram submissas e dedicadas aos afazeres domésticos, assim como elas ocupavam posições mais altas na sociedade devido aos cargos de seus maridos, podendo estas estarem socialmente

superiores às mulheres brancas pobres, às mulheres negras e aos homens negros, mas jamais aos homens brancos.

Com o avanço das lutas feministas e o aumento das conquistas obtidas, as mulheres brancas tornaram-se seres mais atuantes na sociedade. Birman (2007) ressalta a possibilidade de controle sobre seus corpos, com o surgimento de métodos contraceptivos mais eficazes, os quais colocaram em perspectiva uma certa autonomia física, embora ainda não totalmente social, devido às imposições sociais ainda perpetuadas (a romantização do papel materno, por exemplo), em relação à questão da maternidade.

O autor traz ainda a questão do desejo muito limitado à reprodução, devido às possibilidades restritas dessas mulheres, dentro de uma dependência vinculada ainda ao campo biológico dos corpos. Entretanto os novos meios de contracepção permitiram às mulheres brancas (as quais tinham acesso a eles) esse domínio, embora ainda restrito, em relação aos seus corpos, o que contribuiu para a abertura de novas possibilidades em termos subjetivos, novas possibilidades de investimento em si e no outro (BIRMAN, 2007). Porém não podemos deixar de considerar que, nesse contexto, o planejamento familiar e a contracepção tornaram-se uma atribuição das mulheres quanto se trata de uma responsabilidade familiar.

Podemos perceber que a mudança da posição da mulher branca caminhou junto a uma mudança da sociedade como um todo, talvez com uma influência mútua. Essas mulheres desejanter, agora com um leque um pouco maior de possibilidades de atuação no mundo, estavam inseridas dentro de uma sociedade que havia trilhado um caminho, até o ponto de tornar-se uma “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 2003).

É importante entender os valores sociais de cada época para entender essa mudança de convicções.

O mundo contemporâneo é marcado por diversas mudanças nesse sentido. Ele é sinalizado por uma individualidade acentuada, pela busca por sucesso e pela urgência dos acontecimentos. Esses pontos exigem dos sujeitos contemporâneos uma performance, através do ato de mostrar ao mundo o que tem feito e o que planeja fazer. O olhar do outro passa a ter grande importância nesse contexto, como forma de validação, remetendo a uma ideia de que precisa ser visto pelo outro para que exista. Devido a essas

exigências, o sujeito se coloca em uma posição de busca constante por atenção e validação do outro (CARRETEIRO, 2005).

Essa nova sociedade, denominada sociedade do espetáculo, é caracterizada por produzir uma mistura e confusão entre ter/parecer com o ser (DEBORD, 2003).

Esse espetáculo se dá no momento em que a mercadoria sai do campo da economia, e ocupa o campo social, trazendo consigo a alienação já existente, promovendo assim sua extensão para todas as áreas da vida de um sujeito. Essa alienação, caracterizada por uma transformação do que se vive e se produz em mercadoria, coisas alheias ao humano, ou seja, a si mesmo, bem como o afastamento de si, da condição humana, demonstra a separação do indivíduo da sua própria vida, a partir do ponto em que esta se torna uma mercadoria. O ser passa então a apenas contemplar uma idealização/fantasia de sua vida, algo que é alheio a ele, externalizado, que pode ser comprado, que deve ser exibido, deixando assim de estar totalmente presente na vivência, perdendo o contato com a experiência, com os sentimentos que ela gera, com os questionamento que ela produz, bem como com a elaboração dos possíveis sentidos do que acontece no seu dia-a-dia (DEBORD, 2003; BONDÍA, 2002).

A liberdade alcançada pelas mulheres brancas em relação aos seus corpos surge em um momento em que encontramos na sociedade essa desvalorização da experiência e esse culto à aparência. Não é possível estabelecer uma relação de causa e consequência, mas talvez seja interessante pensar na possibilidade de essa mudança concomitante não ter se dado ao acaso. Essa sociedade do espetáculo é muito conveniente como forma de aprisionamento das mulheres brancas em relação a um padrão de comportamento considerado feminino, e a um padrão de imagem corporal, apesar de sabermos que também produz consequências prejudiciais aos homens, embora em menor intensidade. Fernandes (2006) também levanta essa questão, quando ressalta o fato de que o início das imposições da magreza excessiva para as mulheres se deu concomitantemente ao início do processo de libertação feminina, por volta de 1920.

Birman (2007) traz em seu estudo essa questão da sensibilidade excessiva das pessoas em relação à autoimagem. O autor diz também que a

vulnerabilidade do sujeito pós-moderno é expressa em diversas formas, com um cenário em comum: o corpo. Esse corpo é um meio de expressão do sofrimento, ao mesmo tempo em que é onde o sujeito deposita seus máximos cuidados, expressos pela preocupação com a saúde, a qual muitas vezes é vista como relacionada à magreza e à juventude (BIRMAN, 2005).

Podemos perceber esses pontos no texto de Birman (2012, p. 76):

O risco, como sensação polivalente nas suas figurações, está sempre presente no imaginário contemporâneo. Com isso, o envelhecimento se transforma numa enfermidade, e a morte deve ser sempre exorcizada. [...] É o ideal da juventude e do parecer jovem que se impõe como imperativo de saúde, associado ao ideal estético de beleza.

Pode-se perceber então essa associação entre corpo, saúde e estética, que geram no indivíduo contemporâneo uma sensação de falta, como se sempre pudesse fazer algo a mais para melhorar esses pontos, uma vez que na atualidade existem diversas possibilidades de tratamento estéticos e de saúde que visam esse suposto “melhoramento” do corpo (Birman, 2012).

Já pensando o campo da saúde, Birman (2012) traz a questão da manifestação de sintomas psicossomáticos, quando o corpo, em sua função de expressão do mal-estar, passa a representar todo o desconforto e sofrimento através dessas manifestações., exigindo um cuidado constante com esse único bem, única posse do sujeito pós-moderno, uma vez que os demais bens são constantemente descartados e substituídos.

Carreteiro (2005) vai ao encontro do que foi posto por Birman, e ressalta que o corpo ocupa um local de destaque no mundo contemporâneo, sendo ele um dos principais valores nesse contexto.

De acordo com Carreteiro (2005), esse destaque do corpo acontece devido ao enfraquecimento do papel da sociedade e coletividade na vida dos sujeitos, e traz a ideia de uma “cultura do narcisismo”. A autora traz a ideia da existência de algumas formas de perceber e viver o corpo no mundo contemporâneo, apesar de ressaltar que não são formas fixas, e que podem se entrelaçar entre si.

A primeira delas é o “corpo território”, a qual coloca o corpo na posição de lugar, uma propriedade do sujeito, que pode ser modificado, e que tem como função passar uma mensagem ou demonstrar um ato, com sua

identidade ligada a ele (CARRETEIRO, 2005). Essa forma de perceber esse corpo transmite a ideia de um objeto, de uma mercadoria, indo ao encontro do exposto por Debord, no livro “A sociedade do espetáculo”. Esse ponto também possui relação com o que Birman (2005) fala sobre o corpo como sendo um “bem supremo” na contemporaneidade.

A segunda vivência do corpo surge com a ideia de virilidade. O “corpo viril” é aquele que demonstra força aos outros, tanto como forma consciente de transmitir medo, quanto de uma forma inconsciente, pelo desejo de possuir esse corpo que admira quando o vê (CARRETEIRO, 2005).

A terceira expressão se dá através do “corpo do excesso ou da compulsão”, quando utilizado pelos sujeitos de forma desenfreada a fim de alcançar algum objetivo (como uma determinada forma física), assim como para manter algum vício e/ou dependência, bem como a busca pelo prazer imediato. Esse corpo remete a ideia de urgência da sociedade mencionada anteriormente, e a necessidade de agir, dentro dessa sociedade que valoriza tanto o ato, a performance (CARRETEIRO, 2005).

Por fim, o “corpo-beleza” é aquele que expressa os ideais de beleza valorizados pela sociedade, através da busca por uma perfeição da imagem corporal, submetendo a esse corpo mutilações (vemos aqui uma semelhança com o corpo território), através de cirurgias plásticas e grande consumo de cosméticos. Esse corpo luta contra a finitude, buscando a eterna juventude. Ressalta o externo, desvalorizando as questões internas do sujeito, o campo do que pode ser visto passa a ganhar grande importância para a subjetividade (CARRETEIRO, 2005).

Essas formas de viver o corpo na contemporaneidade indicam que ele passa a ser o palco do sofrimento, assim como o maior ponto de investimento do sujeito (CARRETEIRO, 2005).

Apesar de todos esses aspectos influenciarem na vivência de muitos sujeitos contemporâneos, eles afetam principalmente as mulheres brancas e negras (embora de formas diferentes), as maiores vítimas da pressão estética, e da extrema valorização e exposição dos corpos. É interessante pensar o motivo de essa idealização dos corpos ser mais presente e pressionar mais o sexo feminino. Pensando em uma relação com toda a contextualização histórica feita até o momento, pode-se perceber que seus corpos sempre

sofreram com a imposição de significados por parte dos homens e da cultura existente. As pressões dirigidas anteriormente às mulheres brancas tinham muito a ver com a função do corpo feminino, de ser mãe e proporcionar prazer sexual aos homens. Esses corpos possuíam a função de servir aos outros, nunca a elas mesmas. Qual a diferença dessa função no mundo contemporâneo? Apesar de a maternidade ainda ser vista como uma das funções das mulheres, esse corpo passa a sofrer a imposição de ser belo, de ser visualmente agradável. Mas agradável a quem? A quem ele serve? Esse corpo deixou de servir aos outros para que elas possam finalmente apropriar-se dele, ou ele ainda serve aos outros, à cultura e aos homens, tendo sido apenas modificado o contexto da função? Para isso devemos pensar o lugar dos corpos femininos na contemporaneidade.

4.3. Super visibilidade do corpo das mulheres brancas como forma de dominação

Na contemporaneidade podemos perceber a valorização dos corpos das mulheres brancas. Enfatizo os corpos, e não elas como um todo, pois é o que se pode perceber destacado pela mídia e pela sociedade contemporânea em geral. Faz-se um recorte da mulher branca, utilizando apenas sua camada externa, escondendo assim suas capacidades, principalmente de cunho intelectual, e perpetuando sua dominação, através de seu aprisionamento, não mais domiciliar, sendo agora mais restrito ainda, aprisionadas a uma exigência de imagem corporal.

Outro ponto importante a ser mencionado e pensado, é a culpa pelo prazer que sempre acompanhou a trajetória feminina. A culpa pelo prazer sexual, quando a repressão sexual era intensa, sendo restrita apenas à finalidade da reprodução e satisfação dos homens. Atualmente a repressão sexual parece ter se estendido para outras dimensões, como a alimentar. Podemos pensar essas repressões como preponderantemente dirigidas às mulheres, encontrando assim uma relação entre elas. Essa repressão na alimentação pode ser percebida em sua expressão máxima nos transtornos alimentares, principalmente nos quadros de anorexia e bulimia.

Quanto a essas patologias, Fernandes (2006, p. 53) diz que:

Também se deve assinalar que a prevalência feminina nesses quadros clínicos não nos deixa esquecer que, ao longo dos séculos, as mulheres recorreram aos seus corpos, não apenas para expressar o enigma de sua subjetividade e as contradições do “ser” mulher que cada época lhes propõe, mas também como porta-vozes das mazelas da dimensão subjetiva de seu tempo.

Através dessa fala, podemos tentar relacionar essas culpas sentidas pelas mulheres brancas ao longo dos séculos. Antes era atribuído ao corpo da mulher branca a função da maternidade, e eram depositadas todas as restrições e punições para a expressão da sua sexualidade, como foi visto anteriormente através dos livros “O calibã e a Bruxa”, “Mulheres e caça às bruxas” e “Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX”. Com as mudanças estabelecidas na sociedade, podemos perceber que no mundo contemporâneo as exigências são outras, mais relacionadas à estética e à performance do corpo, com padrões de beleza ligados à branquitude, à magreza e à juventude, como sinônimos de saúde, principalmente para as mulheres. Isso conduz as mulheres a estarem constantemente vigiando o próprio corpo, para que ele seja o melhor possível dentro dos parâmetros estabelecidos pelo contexto pós-moderno.

Essa constante vigilância em relação à beleza e ao peso é feita de forma mais indireta, se pensarmos na repressão sexual sofrida nos séculos passados. Foi construída de uma forma que as mulheres vigiem-se a si mesmas e umas às outras (WOLF, 1992).

Essa questão da contínua vigilância nos remete à ideia de panóptico trazida por Foucault (2014). Entretanto, para chegar a esse ponto, é importante pensar desde a ideia de disciplina dos corpos. Dentro do contexto desse trabalho, é importante irmos fazendo relações da teoria de Foucault com a questão do domínio do corpo feminino.

De acordo com o autor, o primeiro passo para a disciplinarização dos corpos se dá através da delimitação de um espaço, espaço este que deve ser útil. Para as mulheres brancas esses espaços estiveram sempre bem definidos, ao longo dos últimos séculos. Confinadas ao lar, oferecendo a utilidade do útero para a geração de novos homens, viveram intensamente esse processo disciplinatório (FOUCAULT, 2014).

O controle, tão necessário para que se permaneça no confinamento, pode ser realizado tanto pelo Estado, quanto pelos demais componentes da sociedade, bem como pela ciência. Ao longo deste texto pudemos perceber a lógica disciplinar dirigida às mulheres brancas, tanto no contexto da caça às bruxas, bem como na era da preponderância dos saberes da medicina, com o controle de sua sexualidade. Hoje esse controle é feito em larga escala, podendo ser realizado por qualquer um, com o aumento do alcance das mídias sociais.

Apesar de percebermos que a disciplinarização dos corpos se dá em todos os contextos e atinge todos os sujeitos, as mulheres brancas passaram por um processo histórico bem mais violento do que aquele sofrido pelos homens brancos. Devido a isso, devemos pensar todas as consequências psíquicas geradas por essa história de dominação e repressão.

A autora bell hooks (2019), traz a ideia de que tanto as mulheres brancas quanto as mulheres negras foram criadas e socializadas de uma forma a se perceberem inferiores aos homens, o que incentivava a entender as demais mulheres como inimigas, com as quais deveriam competir para alcançar a tão necessária atenção dos homens. Através dessa forma de se perceber e perceber o mundo, as mulheres muitas vezes passaram a odiar umas às outras, e até a si mesmas. Entretanto o pensamento feminista trouxe para as mulheres contemporâneas o conhecimento dessa construção, promovendo, conscientemente, uma oposição às imposições patriarcais e a busca por uma maior sororidade entre as mulheres brancas e negras.

É importante ressaltar que essa mudança se deu na ordem do consciente, e não de forma geral na sociedade, porque podemos perceber resquícios das imposições patriarcais no inconsciente feminino, que apesar de algumas se perceberem em posição de igualdade em relação aos homens, ainda demonstram um ódio por si mesmas, através, muitas vezes, de um ódio em relação ao próprio corpo. bell hooks (2019) traz também a questão da cultura atual, que também propaga as ideias machistas e patriarcais, o que influencia diretamente na vivência das mulheres.

A autora ressalta as questões relacionadas à tentativa de evitar o envelhecimento, bem como os transtornos alimentares que fazem parte da vida de muitas mulheres, como formas de expressão do sofrimento relacionado com

a imagem que elas têm de si mesmas. Ela destaca também a percepção que muitas mulheres têm de que seus corpos são um problema, que deve ser consertado, o que gera uma ansiedade diante da aparência (HOOKS, 2019).

hooks (2019) pontua que as conquistas feministas avançaram muito no sentido de promover uma liberdade das mulheres na relação com seus próprios corpos, como a liberdade sexual e de vestimenta, por exemplo. Entretanto, enfatiza que há muito trabalho a ser feito, no sentido de ultrapassar o ponto de apenas criticar as formas pelas quais a sociedade impõe determinados padrões para as mulheres, para chegar ao ponto de propor novas formas de identificação feminina, através de uma moda mais feminista, por exemplo.

Tendo em vista tudo que foi escrito até o momento, podemos perceber que a insatisfação de algumas mulheres com o próprio corpo é algo que foi construído ao longo de todo processo histórico, bem como tem relação direta com a cultura na qual estão inseridas. Com essa imposição de padrões e exigências no que se refere ao corpo feminino: padrões ligados à branquitude, à magreza e a uma performance própria da classe média, devemos pensar quais os efeitos disso para a relação que as mulheres brancas estabelecem com seus próprios corpos. Esse tópico será abordado mais à frente, depois de pensarmos a questão específica das mulheres negras, do racismo e as possíveis relações dessa forma de violência com a relação que as mulheres negras estabelecem com seus corpos. É importante realizar essa diferenciação uma vez que apesar de tanto as mulheres brancas quanto as mulheres negras sofrerem com a lógica patriarcal e todas as exigências que ela dirige aos seus corpos, as brancas encaixam-se no ideal de branquitude, o que as coloca como referência dentro do contexto social, bem como possibilita a elas a ocupação de um lugar de privilégio, que não é permitido às mulheres negras.

4.4 Mulheres negras, o racismo e a insatisfação corporal

Primeiramente, como é sabido, é importante ressaltar que a história das mulheres negras é muito diferente da história das brancas. O que foi discutido até o momento não diz respeito à trajetória das mulheres negras. Um dos acontecimentos principais que devem ser mencionados é a escravização das pessoas negras oriundas do continente africano, bem como o momento da libertação e a falta de recursos disponibilizados a esses sujeitos para que

pudessem exercer sua liberdade recém adquirida. Vamos partir deste ponto histórico para pensar na questão das mulheres negras que foram escravizadas e trazidas ao Brasil, apesar de acreditar ser de extrema importância pensar e pesquisar sobre os modos de vida, o contexto sócio-cultural e os processos de subjetivação existentes anteriormente à invasão europeia no que hoje chamamos de continente africano.

Nesse contexto, é importante pensar a função dos corpos das pessoas escravizadas, que eram propriedades dos brancos que os compravam. Albuquerque (2006, p. 29) relata que: “Presas pelo pescoço umas às outras, essas pessoas eram levadas para os mercados onde aguardavam os compradores, às vezes por meses.” Em outro trecho, Albuquerque (2006, p. 49) conta que: “Antes de entrar nas embarcações, eles eram marcados a ferro quente no peito ou nas costas com os sinais que identificavam a que traficante pertenciam”. Esses trechos apesar de representarem uma pequena parte de todo sofrimento sentido pelas pessoas negras na época da escravidão, e ser apenas uma partícula de toda violência e dessubjetivação pela qual passaram, dão uma ideia dessa função dos corpos, que não mais os pertenciam, sendo propriedade de outras pessoas, que as dominaram através da força, e que as usaram para as mais diversas funções, desde trabalho em plantações a trabalho doméstico, impondo-lhes castigos físicos caso representassem qualquer sinal de oposição (ALBUQUERQUE, 2006).

Outro ponto importante a ser pensado é a questão do que era feito com a aparência dos sujeitos escravizados. Para que fossem mais facilmente vendidos, os traficantes os faziam tomar banho, os alimentavam, passavam óleos na pele e até retiravam os pelos como a barba, com a intenção de fazerem parecer que estavam saudáveis e jovens. Quando os compradores chegavam, verificavam seus músculos, dentes e saúde física, examinando seu corpo, a fim de analisar o que para eles não passava de mercadoria. Essa situação, em conjunto com todas as outras, coloca os sujeitos negros na posição de objeto perante o olhar dos brancos, desumanizando-os (ALBUQUERQUE, 2006).

Essas violências aqui citadas eram sofridas tanto por homens, quanto por mulheres e crianças. Entretanto, como este trabalho refere-se às mulheres, é importante pensar as particularidades das violências sofridas por elas, bem

como o papel de seus corpos nessa época. Para tanto, vale fazer uma oposição em relação à situação das mulheres brancas de classe média. Enquanto estas tinham como luta o interesse de poder trabalhar, as mulheres negras nunca deixaram de o fazer, inclusive em trabalhos domésticos nas casas dessas mulheres brancas, desde a época da escravidão, em forma de trabalho forçado, até o último século, quando este trabalho doméstico era um dos únicos possíveis a elas, dentro do que lhes era permitido pela sociedade.

Esses serviços iam desde os afazeres domésticos, até a criação e amamentação das crianças brancas, servindo como amas de leite. Para tanto, no momento da compra, tinham seus seios analisados, assim como suas nádegas, uma vez que se associava a quantidade de carne no corpo com força física e saúde, o que por consequência possibilitaria mais capacidade no trabalho e possibilidade de gerar mais filhos, os quais seriam escravos, aumentando assim a quantidade de mão-de-obra disponível para os senhores brancos (ALBUQUERQUE, 2006 apud MACEDO, 1974).

É importante entender a história da escravização das pessoas negras, com todo o processo de violência envolvido, uma vez que essa história é a base do que a sociedade é hoje, na qual os aspectos relacionados ao processo de inferiorização dos sujeitos negros repercutem nos dias atuais, na forma do racismo estrutural presente na sociedade contemporânea, perpetuado pelas pessoas brancas.

Para pensar essa questão do racismo, podemos pensar a obra de Grada Kilomba (2019), chamada “Memórias da Plantação”, na qual ela fala sobre o tema, e levanta diversos pontos interessantes que devem ser pensados neste trabalho. O primeiro aqui relatado tem a ver com os aspectos psíquicos dos sujeitos brancos, perpetuadores do racismo. Ela traz a ideia de uma negação por parte dos brancos, uma negação inconsciente da própria violência realizada, e projetada nos “outros”, negros. Essa projeção parte de uma cisão do ego, ou seja, os brancos desenvolveram, historicamente, em sua constituição psíquica, uma divisão do ego, reconhecendo em si mesmos apenas os aspectos considerados bons, e projetando sobre as pessoas negras, vistas e discriminadas como sendo os outros, diferentes de si, as partes consideradas ruins ou más. Assim, as pessoas negras representariam toda a parte que as pessoas brancas não querem reconhecer em si mesmas,

enquanto que as pessoas brancas conseguem preservar uma imagem boa de si mesmas, que lhes proporcione satisfação.

Essa separação é prejudicial para ambos os lados, entretanto produz consequências muito mais sérias para as pessoas negras, as que foram separadas/retiradas das possibilidades de identificação com a sociedade, uma sociedade entendida como branca. Essa visão das pessoas negras como sendo “as outras” também produz uma dificuldade de encontro com as possibilidades de construção de identidade própria, o que demonstra um aspecto doloroso e traumático da vivência da população negra.

Essa dificuldade de encontrar identificação e identidade na sociedade existente tem relação direta com o fato de sujeitos negros não serem vistos como pertencentes a essa sociedade, como é demonstrado pelo seguinte trecho: “No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer” (KILOMBA, 2019, p. 56).

Quando a autora define o racismo ela utiliza algumas características para apresentar sua explicação. A primeira característica é referente à questão do sujeito negro ser visto como “outro”, como diferente. Ela ressalta que essa visão é estabelecida a partir de um olhar, o olhar dos sujeitos brancos, os quais encontram-se na posição de poder definir o que é pertencente, e o que não é, o que faz parte do “eu”, ou seja, dessa sociedade branca, e o que não faz. A partir dessa visão racista, os sujeitos negros são empurrados para a margem da sociedade, o que os coloca muitas vezes em posição de vulnerabilidade e exclusão social (KILOMBA, 2019).

Kilomba (2019) ressalta que esse processo de diferenciar/discriminar produz uma hierarquia, na qual os sujeitos negros são postos como inferiores aos brancos. Essa relação entre diferença e posição produz o preconceito vivenciado pelas pessoas negras.

A autora ressalta que junto a esse preconceito há o poder das pessoas brancas, construído historicamente, o que gera o racismo, como resultado dessa combinação. Kilomba (2019, p.76) diz que “o racismo é a supremacia branca”. Ela localiza também o racismo em três esferas: estrutural, institucional e cotidiana. A primeira ressalta a exclusão das pessoas negras de grande parte das estruturas políticas e sociais, de modo a permanecerem em grande

desvantagem. A segunda demonstra o padrão de desigualdade nas relações presentes em instituições, como trabalho, justiça, educação, etc. Por fim, a terceira representa todos os comportamentos percebidos diariamente que ressaltam a colocação dos sujeitos negros na posição de “um outro”, que demonstram as projeções da sociedade branca nas pessoas negras. Esses comportamentos podem ser exibidos através de falas, ações, olhares, imagens, etc.

Pensando o racismo dentro da questão da problemática corporal, sabemos que as imagens femininas divulgadas pelos meios de comunicação não representam a grande maioria das mulheres, as quais não se encaixam dentro de uma magreza excessiva, cabelos loiros e olhos azuis. Entretanto, ainda há um ponto de identificação entre essas imagens e um grupo de mulheres: a cor da pele, sempre branca. Em contrapartida, de acordo com hooks (2019), as mulheres negras não são representadas de forma alguma, o que perpetua a questão da invisibilidade dessas mulheres. Nos últimos anos tem se visto um movimento a fim de divulgar imagens com as quais as mulheres negras possam se identificar, entretanto ainda é muito desigual, quando comparadas com as possibilidades oferecidas às mulheres brancas, e, em muitos casos, estereotipada e racista, colocando as personagens negras em posição de inferioridade em relação às brancas.

Kilomba, em seu livro, realizou entrevistas com algumas mulheres, todas elas negras, e em um ponto da obra traz a questão “políticas do cabelo” (KILOMBA, 2019, p. 121). Nessa parte ela retoma a questão do que é ser diferente, ressaltando que quem define o que é diferente é quem define também a si mesmo como normal, demonstrando assim o poder que possui, em detrimento dos demais grupos. Essa diferenciação, de acordo com a autora, representa a discriminação realizada pelas pessoas brancas. E, por sua vez, a discriminação coloca os sujeitos negros e seus corpos em uma posição de não pertencimento a sociedade.

Ainda nesta parte do livro, Kilomba (2019) fala sobre a questão da higiene, demonstrando a “preocupação” das pessoas brancas com a higiene das pessoas negras, preocupação essa que não passa de um desejo de controlar os corpos das pessoas negras, e um medo por ser “sujado” por esses corpos. Essa sujeira remete a uma ideia de contaminação, a qual demonstra

também o medo de entrar em contato com os aspectos da sexualidade e violência, que as pessoas brancas reprimiram e projetaram nas negras.

Pode-se perceber também a tentativa de reprimir as características físicas próprias das pessoas negras, através do desejo de torná-las mais semelhantes às pessoas brancas. Kilomba (2019, p. 127) diz que:

Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de 'primitividade', desordem, inferioridade e não civilização. O cabelo africano foi então classificado como 'cabelo ruim'. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o 'cabelo ruim' com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados 'sinais repulsivos' da negritude.

Através desse recorte do texto, podemos perceber a tentativa das pessoas brancas de invisibilizar toda uma existência negra, utilizando as questões de poder e de hierarquia mencionadas anteriormente. Aqui podemos fazer uma ligação com o que foi dito no início desse trabalho, sobre a invisibilização das mulheres. Quando relacionamos as questões de gênero e às de raça, podemos perceber que as mulheres negras foram duplamente invisibilizadas e inferiorizadas dentro da sociedade, inclusive pelas mulheres brancas, as quais tiveram e ainda têm um papel significativo na subalternização das mulheres negras.

Podemos perceber esse ponto através da percepção de que apesar de todo esse sofrimento sofrido especificamente pelas mulheres negras, o feminismo por muito tempo ignorou as questões relacionadas à raça dentro do movimento. hooks (2019) faz uma crítica ao feminismo, através da afirmação de que o movimento, apesar de buscar a sororidade entre as mulheres, e direitos iguais em relação aos homens, excluiu muitas vezes as causas das mulheres negras e não-brancas em geral. Um ponto interessante trazido é o fato de a defesa por possibilidade de trabalhar tenha ganhado tanto destaque dentro das causas defendidas pelo feminismo, ao mesmo tempo que em muitas mulheres de classe baixa sempre trabalharam, com baixa remuneração, sem conseguir promover a própria subsistência e autonomia diante dos homens. Ela traz o fato da mídia sempre ter destacado os movimentos realizados pelas mulheres brancas, de classe média e alta, enquanto que as

mulheres brancas pobres, e negras eram deixadas de lado do movimento, e excluídas quando ressaltavam a necessidade de trazer o assunto das raças dentro da questão de gênero.

Após tudo que foi descrito, pode-se perceber a importância de ressaltar a especificidade da vivência das mulheres negras com relação a seus corpos, e pensar quais as possíveis relações do racismo com a questão da insatisfação corporal.

Embora a insatisfação com o próprio corpo atinja tanto as mulheres brancas quanto as mulheres negras na contemporaneidade, o resgate histórico que realizamos nos mostra que as bases histórico-sociais dessa insatisfação são muito diferentes. A seguir será abordada a questão dos desdobramentos psíquicos na violência e opressão que caracterizou a história tanto das mulheres brancas quanto das mulheres negras a partir da perspectiva psicanalítica.

4.5. Aspectos psíquicos

A constituição da forma como nos vemos é um processo de construção realizado ao longo da vida. Ela parte da forma pela qual somos vistos pelo outro, por aqueles que nos cercam, e abrange nossas fantasias, desejos e percepções. Portanto, podemos entender essa autoimagem corporal como algo que vai além do sentido da visão, e é composta por simbolizações (AYOUCH, 2014; FERNANDES, 2011).

Fernandes (2006) referencia Paul Schilder, o qual fala sobre autoimagem corporal. Este autor afirma que nossa autoimagem é influenciada por diversos fatores. Entre eles estão as sensações e percepções vindas do mundo externo ao indivíduo, bem como do interno, como sensações fisiológicas, e abrange também a experiência subjetiva estabelecida com o próprio corpo.

A autora ressalta então a dimensão libidinal que perpassa essa autoimagem, enfatizando o que é transmitido inconscientemente pela forma como somos investidos pelo outro. Esse sujeito transmite seus desejos e fantasias em relação ao bebê, os quais possibilitam sua constituição (FERNANDES, 2006). Essa transmissão é feita através dos investimentos neste bebê, através do cuidado. Dessa forma, o sujeito cuidador também

transmite mensagens relacionadas à cultura, uma vez que ele também está inserido nela, de forma a exercer o papel de mediador (LAPLANCHE, 1988).

Essa transmissão psíquica leva em conta o que é intersubjetivo, ou seja, que é dado nas relações estabelecidas com os demais sujeitos, sejam eles familiares ou, mais vasto ainda, a cultura como um todo. Porém cada indivíduo traduz essas mensagens de alguma forma, tornando necessário o entendimento da transmissão intrapsíquica, pensando os aspectos sociais, culturais em articulação com a estrutura do psiquismo do sujeito (KÄES et al., 2011).

Pode-se entender então que a história do indivíduo começa antes ao seu nascimento, antes mesmo da gestação. O grupo familiar no qual ele será inserido já possui suas questões, seus conflitos, suas relações estabelecidas, bem como expectativas para aquele bebê que virá, tudo alicerçado na raça, cultura e classe social a que esses sujeitos pertencem. Ele será posto no mundo recebendo essas mensagens, esses desejos e fantasias, as quais serão o alicerce para sua constituição psíquica (KÄES et al., 2011).

Nesse momento inicial da vida não diferenciamos o que é nosso e o que é o do outro, porque ainda não há um eu constituído, sendo ele construído a partir das experiências vividas e de todos os desejos, fantasias e mensagens mencionadas anteriormente. Há uma relação estabelecida com o cuidador, devido à necessidade do bebê de possuir um outro para mediar sua relação com o mundo e para garantir sua sobrevivência. Esse investimento derivado dessa figura é necessário para o conhecimento das necessidades sentidas pelo sujeito, e através da nomeação possibilita também o acesso ao prazer. Entretanto esse outro é visto como uma extensão de si mesmo (FERNANDES, 2011).

A ausência desse mediador causa dor nesse bebê, uma vez que essa falta remete a uma perda de parte de si mesmo, e o coloca em perigo. A dor sentida proporciona conhecimento sobre o corpo, a partir do momento em que representa sua existência. Portanto pode-se perceber o papel fundamental desses primeiros investimentos, bem como a ação ambígua da ausência, para constituição do conhecimento e da imagem corporal (FERNANDES, 2011).

Já a partir do narcisismo, quando há a unificação do corpo, gerando a junção das suas partes para a constituição de um eu, passa-se a ver a si

mesmo, e o corpo como objeto de amor. Essa imagem construída não se dá apenas através da visão, do simples fato de olhar, mas passa pelas percepções que construímos ao longo da vida e dos investimentos recebidos desde a figura do cuidador. A representação corporal é construída através de todos os sentidos, dos estímulos internos e externos, das vivências e do olhar do outro, assim como foi entendido por Paul Schilder (FERNANDES, 2011).

Vale ressaltar que o corpo aqui em destaque é o psicanalítico, o qual vai além do corpo físico, sendo constituído por pulsões, desejos e a partir da alteridade e do arcabouço simbólico que ela transmite (FERNANDES, 2011).

Como pode ser percebido através da história das mulheres negras e brancas descritas ao longo deste trabalho, bem como das exigências da sociedade atual e a presença do racismo e do machismo na contemporaneidade, as mulheres têm sido colocadas em posições de desconforto em relação aos seus corpos, devido às exigências impostas por uma sociedade patriarcal e racista. Entretanto, apesar de tanto as mulheres negras quanto as brancas vivenciarem essa insatisfação em relação aos próprios corpos, esse sentimento é experienciado de forma diferente. Ambas sofrem com as imposições relacionadas à extrema magreza e à juventude, entretanto, adicionado a isso, as mulheres negras sofrem com os padrões de branquitude, o que as coloca em posição de maior distanciamento em relação ao que é considerada a aparência “ideal”, e isso somado a todos outros sofrimentos causados pelo racismo. Com isso posto, é importante pensar quais os desdobramentos psíquicos dessa lógica social que alicerça a frequente insatisfação das mulheres em relação ao próprio corpo? Quais os desdobramentos psíquicos de tal lógica? Tais desdobramentos são os mesmos em mulheres brancas e negras?

5. METODOLOGIA

5.1 Desenho do estudo

Este estudo foi feito com base no método psicanalítico de pesquisa, o qual, diferentemente das chamadas pesquisas empíricas, não tem por objetivo alcançar resultados universais e verificáveis, pois trabalha na construção de uma interpretação possível, entre tantas concebíveis ao caso estudado. Esse método busca pensar sobre o universo de um sujeito, universo esse que jamais será igual a outro, independentemente de suas semelhanças (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Apesar de ter utilizado o termo sujeito, o método psicanalítico pode ser aplicado não apenas a uma única pessoa, como também a grupos, organizações e instituições (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

A pesquisa com o método psicanalítico busca proporcionar uma transformação ao objeto de estudo, bem como para a pesquisadora, a qual também deve ser afetada ao longo da investigação, partindo da ideia de que não há possibilidade de manter-se neutra. Essa transformação também deve ir para além dessa relação pesquisadora-sujeito da pesquisa, chegando ao campo da própria psicanálise (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Essa ausência de neutralidade pode ser percebida desde o momento da escolha do tema, uma vez que este deve ser algo que afete essa pesquisadora e a instigue a buscar mais conhecimento. Entretanto, apesar da pesquisa psicanalítica surgir a partir de um problema de pesquisa, a pesquisadora não deve se limitar a ele, permanecendo aberta ao que irá surgir ao longo da investigação (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

Apesar de a neutralidade não ser possível nem desejada nesse contexto, a abstinência é essencial. Esse termo é utilizado para denominar a não interferência ou sugestão por parte da pesquisadora, respeitando a associação livre do sujeito, a fim de que seus desejos não influenciem no caminho a ser percorrido ao longo da pesquisa (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

A pesquisadora surge na pesquisa através de sua contratransferência em relação ao que está sendo investigado, e a análise realizada contempla suas próprias impressões diante das situações apresentadas. Devido a isso ,a

pesquisadora também é objeto de investigação (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006; SILVA; MACEDO, 2016).

É importante ressaltar que a análise empreendida pela pesquisadora é algo provisório, não permanente, sendo aplicada ao recorte de tempo em que foi feita. Como dito anteriormente, deve-se ter em mente sua não totalidade em relação ao objeto de estudo, visto que é apenas uma perspectiva. Portanto pode-se entender o método psicanalítico como gerador de uma verdade possível, dentre tantas outras, para os casos estudados (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

5.2 Cenário do estudo

As entrevistas foram realizadas de forma online, através da plataforma de comunicação Google Meet, a qual foi escolhida devido a sua facilidade de acesso, pois pode ser utilizada tanto através de dispositivos móveis quanto de computadores. Essa plataforma também permite a gravação das entrevistas, as quais foram gravadas com a permissão das participantes.

A escolha da realização das entrevistas de forma online se tornou necessária devido à recomendação de realizar isolamento social, em razão da pandemia de COVID-19, a fim de proteger a pesquisadora e as participantes.

5.3 Participantes da pesquisa

A proposta inicial era acessar os prontuários da UBS escolhida, e analisá-los, e selecionar aqueles que se encaixariam aos objetivos da pesquisa, ou seja, de duas mulheres, com 18 anos ou mais, sendo uma mulher negra e a outra branca. Essas participantes seriam convidadas de acordo com a demanda da pesquisa, após análise dos prontuários das pacientes atendidas na Unidade Básica de Saúde.

Foi feito contato com a UBS do Campus Capão do Leão, a qual foi escolhida inicialmente por estar localizada dentro da Universidade, e por já configurar campo de estágio de psicologia. Após apresentar a proposta de pesquisa, a profissional responsável pelo local assinou o termo de anuência, que se encontra em anexo. Com a documentação pronta, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, e aprovado.

Entretanto, logo se deu o início da pandemia de COVID-19, o que tornou inviável a realização da pesquisa de forma presencial. Portanto foram necessárias alterações, transferindo a pesquisa do campo presencial para o virtual. Devido a essa mudança, foi necessário submeter o projeto, com as alterações, novamente ao Comitê de Ética em Pesquisa, e nesse segundo momento ele foi novamente aceito.

Aos pré-requisitos mencionados (mulheres, com 18 anos ou mais, autodeclaradas brancas ou negras), incorporou-se o indispensável requisito de que as mulheres possuíssem acesso à internet de qualidade para participar dos encontros em formato de chamada de vídeo. Com esse novo ponto, as possibilidades de participação tornaram-se mais restritas.

5.4 Instrumentos para coleta de dados

A pesquisa com o método psicanalítico pode ser realizada de diversas formas. Uma delas tem como ponto de partida a clínica, quando o tratamento já foi encerrado, a fim de que não haja interferência dos desejos do terapeuta no curso do tratamento. Também há a pesquisa teórica, que toma como base os textos já publicados. Entretanto, a pesquisa aqui realizada partiu de entrevistas, as quais também são indicadas de acordo com esse método (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Para esse método é recomendável que sejam realizados mais de um encontro com as participantes, com o propósito de estabelecer um vínculo, assim como uma relação transferencial, permitindo assim o acesso ao mundo psíquico. O número recomendado de encontros que compõem uma entrevista varia entre três e cinco, ao longo dos quais deve ser investigada sua história de vida e aspectos relacionados à temática da pesquisa (DOCKHORN; MACEDO, 2015). Tais aspectos foram investigados a partir da história das participantes e dos temas que elas abordaram nos encontros, respeitando a livre associação de ideias, partindo de uma pergunta aberta, na qual foi solicitado que a participante contasse sobre sua história de vida, desde a infância até o momento atual.

5.5 Procedimento

A proposta da pesquisa foi divulgada nas redes sociais, no grupo do Facebook da Universidade Federal de Pelotas, escolhido por abranger um grande número de pessoas, tanto estudantes da universidade quanto pessoas da comunidade. As primeiras mulheres que entraram em contato foram as entrevistadas, e as demais permaneceram em fila de espera, para caso houvesse alguma desistência.

Nos primeiro encontro com cada participante, foram feitas as apresentações, tanto da pesquisadora quanto da participante, com a finalidade de estabelecer um vínculo. Em seguida a participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido via formulário online, o qual foi enviado através do e-mail. Após esse momento, a entrevista foi iniciada. Todos os encontros foram gravados e transcritos, para posteriormente serem submetidos à análise.

O processo foi semelhante com as duas mulheres entrevistadas. Houveram cinco encontros com cada uma, ocorrendo semanalmente, o que ao todo levou mais de um mês, aproximadamente cinco semanas. Cada encontro teve duração aproximada de uma hora, tendo algumas durado mais, e outras menos. O quinto encontro com cada uma das mulheres foi mais em um formato de fechamento.

5.6 Análise de dados

Ao longo dos encontros, os quais foram gravados seguindo os procedimentos éticos, a pesquisadora utilizou a escuta flutuante, não focada no tema central da pesquisa, tornando assim essa escuta aberta para as diversas questões que surgiram (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).

Após a transcrição integral dos encontros e leitura repetida várias vezes, foram feitos recortes, a fim de desconstruir o texto, para em seguida reconstruí-lo, destacando os pontos que chamam atenção à investigadora, gerando assim a análise realizada em cima do material coletado (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

Esse foi o momento da construção das narrativas das participantes, a qual incluiu os dados referentes aos acontecimentos vivenciados, e o que esses acontecimentos significam para elas, ou seja, suas percepções, significações e sentimentos em relação ao que se passou. Também foram

incluídas as transferências e contratransferências percebidas ao longo do processo de investigação, e, por fim, as hipóteses de interpretação propostas pela pesquisadora (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

Para que todos esses pontos pudessem ser incluídos, foi importante que a pesquisadora mantivesse um registro que fosse além dos fatos concretos mencionados na entrevista, incluindo suas próprias percepções e sentimentos ao longo de todo processo de pesquisa. Esses pontos foram fundamentais para entender o material que surge da pesquisadora, e que foi analisado também no processo de interpretação (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

Em um segundo momento, houve a escuta da escuta, realizada pela psicanalista-orientadora, em conjunto com a pesquisadora, no qual foi discutida a primeira narrativa construída. Esse estudo é fundamental para que seja feita uma problematização e reflexão acerca do que foi pensado até o momento, incluindo aspectos contratransferenciais, a fim de torná-los materiais válidos de análise, a partir desse segundo olhar (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

O terceiro momento da metodologia consistiu na discussão teórica-interpretativa, na qual foram feitas relações entre o material obtido nas entrevistas com o referencial teórico, tendo como foco o recorte de raça (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

5.7 Aspectos Éticos

A pesquisa foi realizada de acordo com os parâmetros éticos estabelecidos pela Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, a qual garante os direitos e deveres das participantes das pesquisas, a fim de evitar consequências prejudiciais para quem delas participe (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Portanto, foi utilizado o Consentimento Livre e Esclarecido, através do qual foram explicados os objetivos da pesquisa e seu funcionamento, garantindo o poder de escolha da participante.

Caso fosse identificada alguma demanda de ordem psicológica, seria feito o devido encaminhamento para a rede de saúde disponível no município para que a participante pudesse ser acolhida. Entretanto, nas entrevistas realizadas, não foram identificadas necessidades de realizar os encaminhamentos.

6. Análise das entrevistas

6.1. Um resumo sobre as mulheres participantes

A fim de manter o sigilo em relação às identidades das participantes, sendo este um dos compromissos éticos da pesquisa, foi solicitado, ao fim das entrevistas, que cada uma escolhesse o nome pelo qual gostaria de ser identificada. Essa escolha é importante para reforçar o aspecto não passivo de “objetos” de pesquisa. Margot e Júlia têm suas histórias aqui contadas através de trechos retirados das narrativas, e a construção deste trabalho só foi possível graças à disponibilidade de ambas em compartilhar suas vivências.

Margot é uma mulher jovem, com mais de 25 anos. É autodeclarada branca, estudante de pós-graduação e cientista. Foi a primeira a entrar em contato após a divulgação da pesquisa, e com ela foram realizados cinco encontros, todos de forma online, devido à pandemia de COVID-19. Ao longo de sua narrativa alguns pontos se sobressaíram, como questões ligadas a relacionamentos abusivos, e a forma pela qual vê seu corpo e a si mesma. Margot possui uma irmã gêmea idêntica, que aqui chamaremos de Olga, a qual ela admira e em quem vê beleza. Beleza essa que não vê em si mesma, apesar de a aparência ser a mesma.

Júlia é também uma mulher jovem, com pouco mais de 20 anos. É autodeclarada negra, e estudante de graduação de uma área predominantemente ocupada por homens. Ela chegou até a pesquisa através da indicação de uma amiga em comum, que havia visto a divulgação do projeto. Com ela também foram realizados cinco encontros online, e ao longo da sua narrativa também as questões sobre o próprio corpo apareceram de forma significativa. Alguns pontos são comuns às vivências de Margot, como aspectos referentes a relacionamentos abusivos, já outros se diferenciam por serem exclusivos da experiência de pessoas negras, e demais pessoas não brancas em geral, o racismo. Aprofundaremos essas questões ao longo das próximas páginas.

6.2. Violências

Um dos pontos que chamaram a atenção ao longo dos relatos de ambas as participantes foi a questão de relacionamentos abusivos, com violência

predominantemente psicológica. Sabe-se que a violência contra a mulher ocorre de forma majoritária no âmbito privado, ou seja, dentro do local de moradia, por pessoas próximas, como pais e companheiros (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

A violência psicológica a qual nos referimos aqui passa por situações de humilhação, ameaças, insultos, desprezo, ridicularização, manipulação, vigilância constante, entre outros. Ela é mais difícil de ser identificada por quem a sofre, e tende a ocorrer com mais frequência do que a violência física (CASIQUE; FUREGATO, 2006; COELHO; SILVA; LINDNER, 2014). Na Lei nº 11.340 a definição desse tipo de violência, além de perpassar por todos os aspectos mencionados anteriormente, deixa a definição em aberto, gerando um espaço para pensarmos outras situações que também podem vir a ser consideradas como violência psicológica, pois diz que a violência psicológica é:

[...] entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões (BRASIL, 2006, p.1).

Margot passou por dois relacionamentos abusivos, nos quais podemos perceber aspectos referentes à violência psicológica, e contou sobre ambos ao longo das narrativas. Este primeiro aconteceu quando ainda era adolescente, com um homem já adulto, anos mais velho:

“E o primeiro foi com o Bruno, com esse menino que a minha irmã e eu fomos nos relacionando, que foi um desastre, e durou toda a minha faculdade esse relacionamento com ele, só que em alguns períodos tinha brigas, daí ele se relacionava com a minha irmã. Daí a gente chegou ao ponto de morar dois anos sem a gente se comunicar, eu e a minha irmã, sem falar um oi, nada. E na época eu não enxergava o quão errado era isso sabe, eu botava a culpa na minha irmã, eu botava a culpa em todo mundo, menos nele, que era a única pessoa ali que tava errada eu acho.” (Margot)

“Foi bem conturbado assim, ele manipulou muito a situação, eu acabei brigando com a família inteira, briguei com a minha irmã, briguei com todo mundo, com a minha mãe, defendendo essa pessoa e no final descobri que era uma situação bem manipuladora.” (Margot)

“E aqui, hoje em dia eu já consigo ver como ele tava errado nessa situação sabe, não só a gente, eu sei que eu errei, que a minha irmã errou, só que a gente não tinha 18 anos ainda, e ele já tinha 25 sabe. Então eu vi... eu e a minha irmã vindo do interior, era nosso primeiro relacionamento de verdade, a gente era muito ingênua, muito. E hoje em dia eu vejo como ele se aproveitou disso sabe?” (Margot)

“E só sei que eu fiquei dois anos sem falar com a minha irmã, morando na mesma casa, e me relacionando com ele. O Lucas parou de falar comigo, todos os meus amigos pararam de falar comigo, a minha família parou de falar comigo, todo mundo. Mas eu nunca contei nada pra ninguém sabe, nunca contei como foi a história, então todo mundo acha que eu seduzi ele, e tirei ele da minha irmã.” (Margot)

A partir dos relatos de Margot podemos ver que a culpa era atribuída à ela – vítima do relacionamento abusivo – inclusive por familiares e amigos próximos, perpetuando a violência já sofrida. Bruno, um homem adulto, mantinha um relacionamento com as duas irmãs adolescentes. Parecia se aproveitar das inseguranças e dificuldade de Margot de contar para a irmã sobre o relacionamento para que dessa forma pudesse ficar com ambas. Esse relacionamento influenciou diretamente na dinâmica familiar e nas amizades de Margot, por ter saído como culpada por ter ‘roubado’ o namorado da irmã. Essa situação evidencia a lógica machista da sociedade, quando inverte a situação real e culpabiliza uma adolescente de seduzir um homem adulto.

O segundo relacionamento se deu em um momento em que já era adulta, e, de acordo com seus relatos, com conhecimento sobre relacionamentos abusivos. Estes próximos trechos podem nos confirmar o que já é dito há bastante tempo, que mulheres em todas as posições sociais, diferentes níveis de educação e acesso aos meios de informação estão sujeitas a esse tipo de relacionamento, e sofrem os mais variadas violências, praticadas por homens (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013):

“E no começo era maravilhoso e daí do nada começou a ficar horrível, e ele que foi essa pessoa mais abusiva que eu tive. Que reclamava o tempo inteiro, que eu era muito magra, que eu não usava maquiagem, que queria que eu usasse salto, e eram todas características que a ex dele tinha sabe. E... não sei... Ele fez eu realmente não gostar mais de mim, muito. Foi bem feia assim a

coisa com ele. E ao mesmo tempo eu não conseguia me desvencilhar dele. Daí eu comecei a fazer terapia por causa dele (risos) e eu acho que eu só consegui parar de sair ali dessa... não sei, ele conseguia... ele ficava sem falar comigo semanas e quando ele me chamava eu ia sabe. Ele tinha controle de uma situação que eu sempre fui contra, sempre julguei muito, que sempre falei que nunca ia acontecer comigo, pensei que eu nunca ia tá em um relacionamento abusivo, jamais” (Margot)

“Aí ele olhava pra mim e falava: “ah tu é muito magra, tu tá muito magra, deveria fazer uma academia, pra ficar mais bonita”, quando a gente saía ele olhava pra mim e dizia “tu não vai colocar uma maquiagem? Vai ficar com esse cabelo preso?” Aí me perguntava: “Por que que tu não usa um salto? Tu nunca usa salto.” E no começo eu não me incomodava assim com essas coisas, só ignorava. Só que começou a ficar muito frequente. Muito, era quase todos os dias assim, ele tinha alguma coisa negativa pra falar da minha aparência. E isso começou a me afetar. Tanto que eu comecei a fazer academia, comecei a fazer, eu tentava usar mais maquiagem, uma vez ou outra eu usei salto, e daí quando eu usei salto com ele, ele olhou pra mim e falou: “ah tu ficou mais alta que eu, não gostei”. Sendo que ele queria que eu usasse salto antes sabe, então... Nada era bom, nada tava bom, nada satisfazia sabe. E com o tempo também começaram algumas... não chantagens assim, umas... a gente brigava por coisas que ele fazia, e no final ele conseguia reverter a situação e eu achava que a culpa era minha, então no final eu tava me desculando. Nenhuma das minhas amigas gostam dele, todo mundo enxergava as coisas que ele fazia.” (Margot)

“Eu me sentia julgada o tempo inteiro, me sentia feia. Sentia que eu tinha que agradar o tempo inteiro. Sentia que todos os dias eu tinha que fazer alguma coisa pra ele ficar feliz sabe, pra ele ver que valia a pena ficar comigo.” (Margot)

“Mas eu muitas situações assim eu ficava com raiva no começo, acho que era tipo um instinto assim, que eu tava vendo que tinha uma coisa errada, mas aí depois de um tempo eu começava a pensar se ele não tinha razão, se eu não tava sendo injusta, em várias situações. Teve coisas que eu via que acontecia e eu pensava ai meu deus, será que não sou eu que to com ciúmes

agora, que não to sendo exagerada, sendo paranoica, e eu acho que não era. Hoje em dia eu acho.” (Margot)

“É incrível assim, como ele conseguia fazer com que no final da discussão eu tivesse errada, é incrível. Vez ou outra eu via que eu tava pedindo desculpa. Eu surtava, eu explodia, eu brigava, ele ficava calmo, ele fazia as cagadas, ele ficava calmo, eu explodia, eu brigava, eu xingava, eu chorava, batia porta e ia embora, daí dava meia hora eu “acho que me exaltei”, daí mandava mensagem sabe. Daí eu era a louca.” (Margot)

Nesse segundo caso a violência psicológica aparece de forma mais explícita. Podemos perceber a humilhação, ridicularização e desprezo quando o namorado reclama da aparência dela, de forma frequente, induzindo-a a tentar agradá-lo diversas vezes. E, mesmo com todo esforço, mesmo quando ela atinge o que ele diz considerar o ideal, não o satisfaz. O ex-namorado a manipulava, tentava de forma proposital causar ciúmes, tentava controlar desde sua aparência até o comportamento. Margot chega a relatar a tentativa dele de interferir em uma amizade de longa data que ela possui, bem como a constrangimento que ele causou no ambiente de trabalho. Além de todas essas situações, ainda conta que uma amiga a avisou do comportamento estranho do ex, quando estavam os três juntos em um bar e ele parecia vigiá-la de forma constante, desde o que ela conversava com a amiga até para onde ela estava olhando.

Todas as violências sofridas por ela são acrescidas de sentimentos de culpa e vergonha. Eles surgem concomitantemente ao “fracasso” da tentativa de atingir o ideal, mesmo tendo conhecimento que este é inalcançável. Talvez seja até mesmo intensificado devido ao fato de mesmo tendo o conhecimento de que não é possível atingir o ideal, ainda assim tentasse obtê-lo. O sentimento de inferioridade que ela traz nas narrativas, principalmente quando em comparação com outras mulheres, advém justamente do ideal de ego, e do distanciamento entre o ego e o ideal. Já a culpa surge em consequência da consciência moral, através dos parâmetros, neste caso, de beleza e comportamentos impostos socialmente. Ambos sentimentos são resultados do conflito entre o superego e o ego (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012)

Júlia também nos traz o relato de um relacionamento abusivo. O homem com o qual se relacionou por alguns anos havia sido seu professor, e neste caso também havia uma grande diferença de idade:

“E eu sei o quanto isso é errado, o meu lado consciente pensa o quanto isso é errado, porque gordofobia é muito errado, mas ao mesmo tempo o meu lado fica assim, fugindo disso, então pra mim, ele ficava me chamando de minha gordinha, me incomodava, porque eu entendia aquilo como ofensa. Não é, meu lado consciente sabe que não é uma ofensa, e que é só mais uma característica, mas meu lado errado fica assim, porque tu tá me chamando de gorda, daí a pessoa te leva pra comer e te chama de gorda. Eu fico assim ó, já to comendo esse negócio culpada. Aí ele ficava, apesar de eu dizer que eu não gostava, para de me chamar de gordinha porque eu não gosto... porque eu passei a vida inteira tentando fugir disso.” (Júlia)

“Então eu tentei, tentei, tentei tudo que dava. Daí chegou uma hora que já tava ah foda-se também, e aí depois disso eu, depois disso eu terminei. Tá, daí veio aquelas chantagens emocionais que a gente conhece. ‘Que tu tá fazendo?’ Aí aquele lance de ‘ah a idade não importa’, que eu ouvi durante 3 anos começou a pesar, de ‘ah tu é imatura’, de ‘tu não sabe o que tu tá fazendo’, sabe? Ele literalmente falou, me chamou de criança, basicamente. Ué, na hora de me namorar eu não era criança.” (Júlia)

Neste caso de Júlia, também é possível perceber a situação de violência, através das chantagens, e da tentativa de inferiorização pelo namorado. É importante ressaltar o fato de o namorado ser branco, e negar a existência de racismo. Ela relata que ele afirmava “não ver cor”. Percebe-se, nesse caso, a interseção da violência de gênero aliada à violência racial.

Nas trajetórias das duas mulheres surgem também relatos do que podemos considerar violência sexual, uma vez que esse tipo de violência não é desencadeado “apenas” por força física, como muito se pensa ainda hoje, mas também é praticada através de indução e coação da mulher. De acordo com a Lei nº 11.340, a violência sexual é:

[...] entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a

impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2006, p. 1).

“Então a relação com o sexo foi complicada, e tipo, durante todo o namoro, por conta de comentários maldosos, ou que eu não gostava, me deixava insegura também, sabe, em relação. Por que sei lá, já tem toda uma trava de, de tu conseguir conversar sobre isso abertamente, dizer o que tu gosta, dizer o que tu não gosta, tipo, de eu... eu tive muitos problemas no início com... meu deus essa conversa tá muito íntima (risos), de, com a camisinha. E eu tinha, eu descobri que eu tinha alergia, então machucava muito. Mas machucar de eu chorar de dor. Só que aí a trouxa não queria o que, desagradar o boy, e homem tem uma coisa que eles acham quando não é deles, que não tá doendo, que é frescura tua. ‘Para de frescura, não sei o que’, sabe? Acha que só quem tem direito de sentir dor é a guria virgem né, depois que tu não é mais virgem virou a moda louco. Daí... dá até vergonha de falar isso, de literalmente transar chorando. Tinha, daí foi cagada minha, porque foi idiotice dele de não ter percebido, porque tu tá com a pessoa há um bom tempo, ela deve entender o jeito que tu reage às coisas né, e se tá estranho tu descobrir o que tá estranho, mas pra isso tu tem que te importar com a pessoa né. Daí matei no peito e literalmente chorando de dor. E eu vi isso assim como o auge do desrespeito ao meu corpo, sabe? Cara, eu tava literalmente chorando de dor, só porque eu não queria desagradar o meu floquinho de neve, sabe? Ah não. E aí foi bem, eu demorei muito a conseguir dizer não pras coisas que tavam me desagradando, sabe? Sei lá, porque tu gosta da pessoa, e tu não quer, tu não quer desagradar, tu não quer dizer que não, não quer ser chata, porque também te ensinaram que moças tem que ser agradáveis, porque se não ele vai te trocar por outra, porque se tu não fizer, vai ter outra que quer fazer. Então, para de frescura e faz carinho de quem tá gostando. E por mais que um lado de mim sabia que não, não tem que ser assim, o outro lado não queria desagradar nem perder, porque afinal de contas ele já estava fazendo o favor de me querer.” (Júlia)

“Teve situações assim que eu não tava com a menor vontade de ter relações sexuais, e não que ele forçava, mas ele insistia tanto, que acabava

acontecendo só pra ele parar de encher o saco, mas que eu não tinha vontade nenhuma sabe.” (Margot)

Através dos relatos trazidos, percebe-se a indução e a insistência para a realização dos atos sexuais, mesmo que ambas não demonstrassem desejo, e, no caso de Júlia, ainda relatasse dor e desconforto ao longo da relação. Utilizando a vivência de Júlia, é importante ressaltar a frase que chama atenção na leitura da narrativa, quando ela diz que “ele já estava fazendo o favor de me querer”. As lógicas racista e machista estão presentes quando percebemos que o namorado, um homem branco, anos mais velho, no lugar de poder dentro da relação, consegue deter este lugar mesmo sem a utilização de força física. Esta, aqui não é necessária, por serem violências já estruturadas na sociedade, infiltradas nas relações íntimas.

Podemos perceber que as violências sofridas por Margot estão mais restritas ao âmbito privado, dentro de relacionamentos com parceiros íntimos. Já quando pensamos especificamente na história de Júlia, podemos perceber que a violência sofrida por ela não se limita ao espaço privado, sendo estendida ao âmbito público, incluindo espaços institucionalizados, como o local de trabalho e a escola. Vejamos alguns exemplos:

“E eu não sei o que acontece na cabeça de homem, que ele se sente confortável de te elogiar numa sala trancada, só tu e ele, e ele acha que vai ser... que eu vou ficar tri feliz com esse teu elogio, nossa maravilhosos.” (Júlia)

“E aí tá, é só homem, é o laboratório X, então é só homem, então eu to acostumada a ta sempre com um monte de homem na volta. To acostumada com isso, já não, já não me incomoda tanto já que é só isso que tem mesmo. Mas eles, eles... tipo, eles ficavam tocando, te abraçando, mano... fala sem me tocar! Quer coisa que me deixe mais irritada do que me pegar da cintura e me puxar? Cara... e geralmente é pessoa que não tem intimidade pra isso, e eu acho que homens são invasivos. Não sei se acontece contigo, mas festa então é... eles te puxam por tudo que é lugar, eles te puxam do cabelo...” (Júlia)

“Não sei né, talvez tu seja mais ou menos da minha idade, a gente é do tempo que bullying era nada né... só deboche... nossa o que faziam não tinha nem nome. Ah... do cabelo, bullying, racismo, era o pacote da desgraça. Ah riem do teu cabelo, chamam de nega do cabelo duro, perguntam como tu se penteia.” (Júlia)

“O trabalho então, meu deus do céu, na empresa eu ficava assim, gente, onde vocês moram sabe? Porque parecia que eu era um bicho do zoológico. Todos assim ‘ah o que tu faz pro teu cabelo ficar assim hein?’, umas pessoas que eu nunca... que a minha intimidade era ‘bom dia’, ‘boa tarde’, e deu. As pessoas chegavam com o dedinho, puxando meus cabelos...” (Júlia)

“... tá claro que não tinha negros, não tinha muitos negros trabalhando lá, se tinha uns 5 ou 6 era... era bastante. E ficavam olhando como bichinho do zoológico.” (Júlia)

“É que sei lá, quando tu é negro tu sabe do racismo mesmo que tu não saiba o nome. Sabe que tu não pode entrar no meio de uma loja e abrir tua mochila, e ficar mexendo. Sabe que tu não pode, sei lá, ficar encarando muito a polícia. Sabe que... coisas que tu sabe, mas não necessariamente tu sabe que nome dar para aquilo. Tu sempre sabe.” (Júlia)

Júlia, como uma mulher negra, para além do machismo que sofre, assim como Margot, também vivencia a violência em outra esfera, a violência do racismo. Outra esfera pois não é vivenciada por pessoas brancas, como é o caso de Margot, mas não está separada da violência contra a mulher, e das demais formas de preconceito existentes na sociedade. Para entendermos melhor essa questão, podemos utilizar os pensamentos de Carla Akotirene (2018), quando ela fala sobre interseccionalidade. Ela compara este termo a uma encruzilhada, um local onde uma ou mais violências e opressões se encontram, se sobrepõem, se misturam.

A autora ressalta que a intersecção não se resume a uma soma. Se continuarmos com o caso de Júlia como exemplo, não é como se ela sofresse machismo mais (+) racismo, como se pudéssemos pegar apenas o machismo que uma mulher branca vivencia, e somássemos com o racismo que um homem negro sofre, e teríamos aí como resultado as violências sofridas por uma mulher negra (AKOTIRENE, 2018).

É importante entendermos, em um primeiro momento, questões específicas dessas violências, de forma separada, pois elas têm pontos únicos próprios. No início do texto falamos sobre racismo, bem como sobre a trajetória das mulheres ao longo dos últimos séculos, e as semelhanças e diferenças das experiências vividas pelas mulheres negras e brancas. Mas o encontro entre essas forças produz fenômenos únicos, experienciados por cada mulher de

forma singular. É nesse ponto de encontro onde localiza-se a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018).

Ainda indo ao encontro do conceito de interseccionalidade, podemos trazer Grada Kilomba (2019), quando ela se refere à esfera da opressão sofrida por mulheres negras. Júlia sofreu violências que não sofreria se não fosse mulher, e, paralelamente, essas mesmas violências são predominantemente dirigidas às mulheres negras, em uma esfera não vivenciada pelas brancas. Ou seja, sofreu opressões por ser mulher negra. Neste caso, Kilomba (2019, p. 99) fala sobre o racismo genderizado, o qual se refere à “opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero”.

Neuza Souza (2019, p. 7), em seu livro chamado “Tornar-se negro”, diz: “Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.”

Ela continua, falando:

A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo (SOUZA, 2019, p. 8).

Fanon (2008, p. 28) também pensa nesse sentido, quando diz que “para o negro há apenas um destino. E ele é branco”. Arculando a essas ideias, percebemos que as violências sofridas pelas mulheres brancas partem predominantemente de homens brancos. Entretanto, apesar de estarem em lugares de oprimidas, nesse aspecto, também incorporam papéis de opressoras, quando reproduzem violências contra mulheres negras, e uma delas é não reconhecendo a própria branquitude e tentando invisibilizar as vivências particulares das mulheres negras, acreditando que todas estão na mesma situação de opressão (KILOMBA, 2019).

Júlia e Margot sofrem do machismo presente na sociedade, e vivenciaram situações de violência dentro de relacionamentos íntimos. Entretanto, Júlia vivencia constantemente violências em decorrência do racismo, também estrutural em nossa sociedade. Inclusive essas violências,

em alguns momentos da vida de Júlia, andam juntas. Quando pensamos no relacionamento que ela teve com o namorado, e as vivências dentro do ambiente de trabalho, em determinados momentos é difícil separar o que foi em decorrência do machismo e o que expressa o racismo. Nesses momentos há uma intersecção das violências, gerando algo único sofrido por ela naquele instante.

Para entender como essas violências operam na constituição dos sujeitos e as influências das relações que elas vivenciaram em quem elas são hoje, é importante entender como o eu se constitui ao longo da vida.

6.3. Constituição do eu

Para Júlia e Margot estarem em determinada situação hoje (ou no momento das entrevistas), elas precisaram se constituir, desde antes do nascimento, até o presente, bem como permanecerão em constante construção de si mesmas. Para podermos tentar entender como esse processo de constituição se dá, é importante retornarmos ao momento mais inicial possível. Vamos retomar algumas ideias já trazidas mais superficialmente ao longo deste trabalho, e partiremos aqui de alguns textos de Laplanche (2000-2006), o que nos indica que nós, seres humanos, vamos nos construindo e transformando através das relações com os outros, sejam eles familiares ou não. É a partir desse encontro com as outras pessoas que o psiquismo irá se constituindo.

Esse outro, ou outros, é alguém que está inserido dentro de uma cultura, de uma sociedade, em um determinado tempo histórico, e, portanto, também serve de mediador entre a criança e o mundo no qual ela está sendo introduzida. A ligação entre o sujeito criança e o mundo não se dá de forma direta, porque o outro, sujeito adulto que exerce a intersecção, é composto com um inconsciente, sobre o qual não exerce controle, bem como não tem conhecimento (LAPLANCHE, 2001).

O inconsciente, objeto de estudo da psicanálise, interfere nas mensagens que serão transmitidas na relação criança-adulto. De acordo com Laplanche (2001, p 67): “O que é interpretado já é portador de sentido, nunca é fato puro”. Podemos pensar então que o que é interpretado pelo adulto em relação ao

mundo já sofreu a interferência no início da sua trajetória, na relação com o adulto que realizou a mediação dele com a cultura, e permanece sofrendo interposição do inconsciente ao longo da sua trajetória. E, conseqüentemente, as mensagens transmitidas à criança da qual é cuidador também são repassadas de forma já modificada. A essas mensagens dá-se o nome de enigmáticas.

Laplanche (2001-2006) diz que a relação e a comunicação, entre criança e adulto, é assimétrica. Ela é feita através de uma linguagem, que apesar de ser composta pela mesma língua falada, é diferente no sentido das significações. Então, assim como as mensagens são enigmáticas, a linguagem através da qual elas são expressas também é. Sobre a linguagem enigmática, Laplanche (2002, p. 78) diz que há um “excesso unilateral que introduz desequilíbrio dentro da mensagem”.

A criança, receptora desta mensagem, não tem capacidade de traduzi-la no primeiro momento, sofrendo assim um processo de implantação da mensagem no seu inconsciente em construção, não sendo assim compreendida, e apenas em um segundo momento, depois de um intervalo temporal, ela pode vir a ser traduzida (LAPLANCHE, 2003). O adulto que transmite as mensagens enigmáticas – comprometidas com seu inconsciente e portanto, com o contexto em que está inserido – também transmite o código de tradução, o arcabouço simbólico a partir do qual a criança construirá sentidos para as mensagens recebidas. Ainda de acordo com Laplanche (2003, p. 118):

A tradução, ou tentativa de tradução, tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível pré-consciente. O pré-consciente – essencialmente o eu - corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, representa sua história. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historização mais ou menos coerente.

Mas, sendo a mensagem comprometida e incoerente, situada em dois planos incompatíveis, sua tradução é sempre imperfeita, deixando de lado restos. São estes restos que constituem por oposição ao eu pré-consciente, o inconsciente no sentido próprio, no sentido freudiano do termo.

Em todos os seres humanos existem mensagens que não foram traduzidas. Elas podem ser temporárias, ou seja, virão a ser traduzidas, bem

como há outras que encontram-se praticamente fora de possibilidade de tradução. Laplanche (2003) continua, dizendo que em meio às mensagens que constituem o inconsciente, aquelas que não foram traduzidas, há as mensagens superegóicas. Voltaremos mais tarde a essa parte, pois veremos que o superego tem uma função importante na relação que as mulheres estabelecem com seus corpos, sendo ele um representante dos costumes, da ordem, da cultura e das exigências sociais.

Como foi dito anteriormente, as mensagens oriundas dos adultos que cuidam da criança, que participam de sua vida, são, pode-se dizer, também vindas do ambiente em que estão inseridos. Assim como essas mensagens, as traduções delas podem ser feitas a partir dos recursos disponibilizados por esses adultos, bem como da cultura/sociedade (LAPLANCHE, 2003).

Podemos perceber que o sujeito vai se constituindo, e permanece em constante transformação, sempre em relação com o meio no qual está inserido e com os sujeitos pertencentes ao seu campo de afetos. É perceptível, ao longo das entrevistas realizadas com Margot e Júlia, a importância de pessoas e situações vividas ao longo do seu desenvolvimento. Não é possível estabelecer uma relação de causa e consequência dessas vivências com a situação de vida atual de ambas, entretanto podemos afirmar que foram de alguma forma significativas, uma vez que são trazidas nesse momento em que uma narrativa sobre suas vidas é solicitada.

“Né, as nossas mães são do tempo que deus o livre né, era um fio fora do lugar... e como todo mundo trabalhava não dava, não tinha tempo de tá se penteando todo dia, então ela puxava aqueles cabelos, ficava faça chuva, faça sol, corra, faz o que tu quiser, os cabelos não saem um fio do lugar, até que numa época eu tive, não sei bem o nome, mas tipo sabe quando tu puxa muito muito o cabelo e começa tipo... meio que começa a sair a raiz do cabelo. Tipo, e fica uma alergia estranha, uma alergia que não é uma alergia né, porque fica cheio de bolinha, mas não chega a ser bem uma alergia. Mas é que tipo, eu andava sempre com um cabelo bem puxadinho. Depois eu até fui ver que muitas mulheres negras têm, tinham esse hábito de puxar o cabelo muito, e isso é muito relacionado à queda de cabelo, assim tu começa meio que ficar com uma calvície, e depois mais velha fui percebendo assim que muitas não têm isso aqui assim tipo, tu vê que começa a faltar o cabelo, e foi assim acho

que a coisa mais, que daí eu tive, aí a minha mãe, eu sei que não era por mal assim que a minha mãe fazia né. Que tipo, foi o jeito que ela aprendeu, o cabelo tem que tá puxado, pra não, pra ficar bem arrumadinho e tu não, e... eu tive esse problema.” (Júlia)

Neste trecho da narrativa da Júlia podemos perceber como as mensagens da sociedade estruturalmente racista foram repassadas para sua mãe, a qual também sofria essa violência, e que por sua vez as repassou à Júlia, através, por exemplo, do comportamento de arrumar o cabelo de tal forma que este não viesse a ficar “bagunçado”. Seria essa uma forma de tentar fazer o cabelo crespo/cacheado da pessoa negra se assemelhar ao cabelo liso, apesar de toda dor que esse esforço traz. De acordo com Laplanche (1992), as mensagens na relação adulto-criança não são repassadas apenas de forma verbal, podendo ser transmitidas também através de comportamentos e gestos, compostos de significações e relacionados às formas de investimento recebidas. Podemos pensar essa vivência da Júlia na infância como um desses momentos em que são transmitidas mensagens do adulto, já comprometidas pelo inconsciente e alicerçadas no contexto histórico-social, que chegam à criança e só são compreendidas em um segundo momento, no tempo da lembrança.

Interessa-nos focar no processo de constituição psíquica na constituição do ideal de eu, do superego e da imagem corporal pensados em articulação com o contexto social.

O Ideal de Ego a que Souza (2019) se refere é um produto das constantes interações entre a criança, o adulto, a família, a cultura, a história e a sociedade. É formado através dessa mediação que o outro-adulto faz entre essa criança e o meio, um “produto formado a partir de imagens e palavras, representações e afetos que circulam incessantemente entre a criança e o adulto, entre o sujeito e a cultura” (SOUZA, 2019, p. 9).

O ideal de ego teria por função ajudar na constituição da identidade do indivíduo, a partir de todos investimentos que foram realizados nesse ser, e que são fundamentais para uma futura boa relação entre esse sujeito com os outros e com o meio no qual vive. Ou seja, através dos investimentos que o sujeito vai recebendo ao longo da vida, e dos exemplos com os quais vai tendo contato, vai formando uma imagem do que seria ideal. A partir do ideal de ego

daquele indivíduo, ele vai construindo a relação que tem consigo mesmo (por exemplo, quando há grande diferença entre o ego e o ideal de ego, a relação consigo mesmo provavelmente não será satisfatória). Esses sentimentos em relação a si influenciam as relações com os outros, e são também influenciados por elas (SOUZA, 2019).

O ideal de ego serve como um modelo a ser seguido pelo indivíduo, através da imposição do superego que vê esse ideal como uma exigência, e quanto mais o ego real/atual se aproxima do ideal, há maior sensação de triunfo. Já quando há uma tensão ou distanciamento entre o ego e o ideal do ego, maior é a possibilidade de sentimento de culpa e vergonha, de uma dinâmica psíquica marcada por uma lógica de desqualificação de si..

Em todas as pessoas há uma diferença entre o Ego e o Ideal de Ego, ou seja, eles não coincidem plenamente nos sujeitos. Todavia os indivíduos brancos encontram-se mais próximos desse ideal estabelecido pela sociedade. Souza (2019, p. 9) diz, sobre o ideal de ego que é oferecido às pessoas negras:

O modelo de Ideal de Ego que lhe é oferecido em troca da antiga aspiração narcísico imaginária não é um modelo humano de existência psíquica concreta, histórica e, conseqüentemente, realizável ou atingível. O modelo de identificação normativo-estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco, da brancura.

Podemos articular a fala de Neuza Souza com Ayouch (2014, p. 109) que diz:

Contra a identidade, a plasticidade psíquica, numa abordagem psicanalítica, se inscreve em movimentos identificatórios. A identificação é sempre temporária e mutável: é definida por uma situação no tempo, uma história, uma finitude e uma atribuição vinda do outro.

Esses movimentos identificatórios, apesar de serem mutáveis, falam sobre o sujeito naquele momento, e são necessários para a constituição do Ideal de Ego. Uma das formas de realizar a identificação é através da imagem

do corpo, na qual podemos perceber semelhanças e diferenças entre nós e os demais sujeitos que nos são mostrados como exemplos a serem seguidos. Pensando essa questão da imagem, Neuza Souza (2016, p.11) fala:

O segundo traço da violência racista, não duvidamos, é o de estabelecer, por meio do preconceito de cor, uma relação persecutória entre o sujeito negro e seu corpo. O corpo ou a imagem corporal eroticamente investida é um dos componentes fundamentais na constituição da identidade do indivíduo. A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo lhe obriga a sentir e a pensar. Para que o sujeito construa enunciados sobre a sua identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como fonte de vida e prazer.

A autora diz que o sofrimento, que é inevitável, vivido pelo sujeito em decorrência do próprio corpo, precisa ser esquecido, de forma a perpetuar o estado de equilíbrio e uma relação de cuidado e amor do indivíduo com o próprio corpo. Ela acrescenta ainda que caso isso não ocorra, o sujeito tende a querer eliminar a fonte do que ele acredita que seja seu sofrimento, ou seja, o corpo (SOUZA, 2016).

Ambas as participantes da pesquisa vivenciam essa relação de perseguição e desagrado em relação ao próprio corpo, de formas singulares, sendo que apenas uma, a Margot, se enquadra no Ideal de Ego branco. Apesar desse ideal ser singular, constituído a partir das suas relações ao longo da vida, ele está ancorado na lógica social. E o ideal branco é hegemônico na sociedade ocidental contemporânea na qual vivemos.

Júlia nos conta um pouco sobre o que ela acredita que seria o ideal:

“O ideal... de uma mulher. Uma mulher com um corpo que eu considero legal, uma mulher malhada, não estilo Graciane, mas uma mulher com corpo, com aquela barriguinha que eu não tenho, com o silicone lá em cima, o cabelo perfeito, uma mulher bem sucedida, tipo, formada, com uma profissão, uma

carreira legal, uma mulher bem sucedida profissionalmente, uma mulher formada, independente. Independente de tudo assim, independente... de namorado, independente de homem, financeiramente e emocionalmente.”
(Júlia)

Como é possível perceber, esse ideal é bastante exigente. Margot também conta um pouco sobre essa comparação entre o Eu e parte do Ideal de Ego, mais especificamente quanto à aparência:

“Eu falo todo dia pra minha irmã “ah tu é tão bonita, tu é tão bonita”, “ah tu tá linda hoje”, e ela me diz “a gente é igual”

Eu: Vocês são gêmeas parecidas?

Ela: Idênticas! (risos) E ela falava “a gente é igual, como tu não te acha bonita?”, e eu “não, eu sou horrível”. Eu... eu acho que eu to num ponto que eu não enxergo a mesma pessoa sabe, eu não enxergo... parece que eu sou completamente diferente dela. Tudo que eu acho bonito nela eu não consigo achar em mim.” (Margot)

Neste trecho podemos perceber que Margot compara-se com Olga, sua irmã gêmea, e apesar de serem extremamente parecidas, ela vê a irmã de forma positiva, enquanto não tem essa imagem dela mesma. O Ideal de Ego não se baseia exclusivamente na aparência, e podemos perceber que as comparações não se restringem a isso:

“Eu sempre gostei mais do corpo dela, até do jeito, quando ela se veste parece que ela é muito mais mulher que eu, sabe? E eu fico às vezes com uma imagem um pouco infantilizada. E não é porque eu não me visto que nem ela, porque eu não me arrumo que nem ela. A gente pode se arrumar do mesmo jeito, mas parece que eu sou muitos anos mais nova que ela. Daí eu sempre tive essa visão empoderada assim da minha irmã, que é um mulherão, e eu queria ter essa imagem, e às vezes eu tenho uma imagem muito mais retraída de mim e que as pessoas não respeitam sabe.” (Margot)

Podemos perceber que, neste caso, apesar da comparação perpassar pela questão do corpo, ela vai além, chegando a questões mais intrínsecas aos sujeitos. Ao mesmo tempo em que Margot vê a irmã como sendo mais bonita, principalmente em relação ao corpo, também a vê como sendo melhor em outros aspectos. Parece ter uma relação entre o se achar mais magra e mais retraída que a irmã, e esses dois aspectos interligados impossibilitam que ela

se veja como “um mulherão”, assim como vê a irmã, Olga. Ao longo da narrativa ela traz outros elementos que a diferenciam de Olga, sempre se colocando como “menos” e em lugar de inferioridade em relação à gêmea. Uma das questões trazidas é o fato de a irmã namorar há muitos anos, enquanto ela mesma possui vontade de ter um relacionamento, e sente que não consegue realizar esse desejo no momento. Parece que todos esses pontos de diferenciação entre elas, e o fato de ela admirar a vida da irmã, fazem com que de alguma forma ela inclusive se veja como sendo mais nova, bem como menos bonita, do que a irmã gêmea, mesmo que sejam elas extremamente parecidas.

Outro ponto importante de ressaltar é que há a possibilidade de o corpo real (aqui estamos focando mais na questão da aparência e corpo por ser o tema do trabalho) não ser o mesmo do corpo que se vê, resultado de uma construção subjetiva da imagem corporal. Para isso, devemos primeiramente entender o que se chama de imagem corporal.

Para Schilder (1981) o papel dos outros na construção da imagem corporal é fundamental. Vimos anteriormente esse papel na constituição do sujeito, e a constituição de uma imagem de si faz parte desse processo. Pode-se perceber a relação com os demais indivíduos como essencial para a elaboração da imagem que se tem de si.

Essa participação dos demais sujeitos na nossa construção da nossa própria imagem pode-se dar de várias formas. Ela começa com a ajuda para que possamos conhecer nosso próprio corpo, em partes, e, concomitantemente, passa pelo processo de significação. Pode ser de forma mais direta, quando os outros demonstram interesse em determinadas partes do nosso corpo, ou indireta, quando observamos modos de investir ou não em si e nos outros, crenças quanto à aparência, beleza ou falta dela, saúde, doença, entre outras questões relacionadas aos corpos, sejam deles mesmos ou de outras pessoas (SCHILDER, 1981).

Schilder (1981) ressalta que quando se dá uma atenção excessiva à determinada parte do corpo, ou da imagem corporal, tem-se como consequência um desequilíbrio interno da imagem corporal, a simetria é comprometida. É importante ressaltar que ele, ao longo do texto, não menciona

se essa atenção é “positiva” ou “negativa”, trata dela apenas como sendo excessiva.

Fazendo um parênteses nesse aspecto, e retomando a dimensão das violências sofridas por Júlia, é perceptível que o racismo por ela sofrido não estava explícito no sentido de um desprezo. A agressão estava disfarçada/escondida sob a forma de uma grande admiração e curiosidade sobre seu corpo. Pode-se perceber esse ponto quando ela relata o interesse excessivo dos outros pelo seu cabelo e os processos invasivos sobre o seu corpo, através de toques não permitidos, de pessoas com quem nem mesmo possuía qualquer intimidade. Para entendermos esse questão, podemos utilizar as ideias de Fanon (2008, p. 26), quando ele diz que: “aquele que adora o preto é tão ‘doente’ quanto aquele que o execra”.

O autor diz que a construção da imagem corporal passa pelo campo da percepção, mas não se limita a ele, pois perpassa também pelos campos emocional e libidinal. Todos eles sempre em articulação com o social, pois a imagem corporal nunca pode ser constituída ou analisada isoladamente, sendo fruto também das relações com os demais sujeitos, como foi dito anteriormente. E, assim como a constituição da imagem do corpo, o julgamento dos corpos atravessa esses domínios (SCHILDER, 1981).

Schilder (1981) fala sobre os processos de identificação, importantes para entendermos a formação da imagem corporal. Ele diz que a identificação ocorre sempre em relação a pessoas próximas, seja essa proximidade real ou imaginária. Quando se encontra no campo da proximidade imaginária, poderíamos fazer relação com a proximidade digital, no acesso às redes sociais. Sabemos que as possibilidades de identificação são maiores quando se tem mais acesso a outros exemplos. Júlia traz essa questão ao longo da narrativa, mostrando alguns possíveis desdobramentos da identificação, quando se há referências próximas e quando as possibilidades de identificação são muito distanciadas do que se é.

“Então durante bastante tempo foi difícil, tipo, sei lá, hoje eu vejo, também não tinha, as influências eram poucas, não tinha muita representatividade, daí ficava difícil. Ou ficava assim “é bonito nela, mas em mim não vai ficar”, daí eu tinha muita dificuldade no meu cabelo, foi meu maior problema, agora a gente vive muito bem junto, mas durante muito tempo eu

briguei horrores. A gente sempre quer o que é dos outros, daí eu era na modinha, a modinha era cabelo liso e eu queria cabelo liso. E meu cabelo é o completo oposto disso né, ele é cacheado, ele tem volume, ele não fica. E aí quando eu entrei para a escola de ensino médio isso começou a pesar mais, bem mais. Porque quando eu tava no colégio público normal né, até meus 14 anos, tem branco, tem preto, tudo misturado, daí durante bastante tempo eu tranchei meu cabelo.” (Júlia)

Nessa primeira fala podemos perceber alguns dos efeitos da falta de possibilidades de identificação no meio social no qual estava inserida. Como resultado, tem-se uma relação desqualificatória com seu corpo e com sua aparência, bem como a constituição de um ideal de ego encontra-se ligado aos ideais sociais, e, portanto, às mulheres que possuem representatividade, ou seja, às mulheres que reproduzem e caracterizam os ideais de beleza hegemônicos impostos pela sociedade.

“E agora, depois, faz uns dois anos, dois ou três anos, que eu voltei com meu cabelo natural, eu parei de fazer progressiva. E com isso o cabelo foi o mais visível assim sabe, mas eu comecei a ser influenciada por outras coisas, e outras pessoas, por pessoas negras, e falando sobre tudo aquilo, e me identificando em muitos pontos né, e vendo que aquelas coisas que eu passava na adolescência, na pré-adolescência não eram só comigo, e que muito é racismo.” (Júlia)

“Aí eu comecei a me cercar de... comecei a seguir todas as blogueiras cacheadas, crespas que tu possa imaginar.” (Júlia)

“Aí agora eu tô insuportável com ele (risos). Como que a gente brigou tanto tempo? Como que a gente se odiou tanto tempo? Tá lindo, perfeito, bonitinho do jeito que eu queria, e eu brigava com esses cabelos, porque tava enrolando, e agora eu fico feliz.” (Júlia)

“Segui pessoas que me inspiram sabe, que tipo eu olho e eu tenho... não é assim só uma inveja e ponto. Aquele pessoa te inspira, que tu olha e tu gostou disso assim? Mas tu também consegue, sabe? Não precisa ser... eu agora, olhando no instagram assim, tem aquela vidinha perfeita, tem aquela que tu olha assim, é tudo maravilhoso, a vida dela é maravilhosa, mas tem aquela que tem mais vida real, e eu acho que essas foram as mulheres que me

fizeram... aceitar o meu cabelo, e eu tenho fé que elas também vão me ajudar a aceitar o meu corpo.” (Júlia)

Nestas últimas falas podemos perceber que a ampliação das possibilidades de identificação, nesse caso através das redes sociais, tiveram grande influência no processo de alteração da imagem corporal da Júlia, de forma positiva. Entretanto essa ressalta a possibilidade de identificação quando utiliza “pessoas reais”, o que podemos entender como sendo pessoas que ocupam posições ou demonstram situações próximas da sua experiência, dentro das possibilidades da sua vivência. Pessoas que podem ajudar na composição de um ideal de ego possível, ainda que distante.

Mas como comparar o eu com um ideal, quando a imagem que tem de si não é condizente com a realidade?

6.4. Distorção da Imagem Corporal

Como vimos até o momento, a imagem corporal advém de uma construção, através da interação de diversos fatores, e não necessariamente representa o corpo tal qual ele é. Mas o que acontece quando a imagem que se vê é extremamente distante do real? Voltamos agora então para o tópico introduzido mais para o início do texto, a distorção da imagem corporal, e usaremos como base um trecho da narrativa da Júlia:

“Aí quando eu entrei para o cursinho para entrar na escola X, aí pesou. Aí pesou porque eram pessoas completamente diferentes de mim. Era um cursinho mais carinho assim, daí era todo mundo, a maior parte das pessoas, os meus colegas vinham de escola particular, não tinha muito, eu tinha uma amiga assim que era muito próxima de mim, e tinha alguns outros conhecidos, mas no geral eu odiava todo mundo. Aí começou a ficar mais complicado, e eu fiquei mais insatisfeita do que eu já era, com o cabelo e com o corpo. Naquela época meus pais tavam se separando, na verdade quando eu tinha entrado no cursinho meus pais tinham acabado de se separar. Aí tava meio complicada a situação, e eu comecei a descontar na comida. Aí comecei a comer bastante... Eu nunca fui tipo gorda, mas eu fiquei acima do meu peso, do que era normal... aí já tavam dizendo “ah... deu uma engordadinha”, “dá uma maneirada”, e aí eu que nunca fui feliz com meu corpo, ficar gorda para mim era o fim do mundo. Aí eu parei de comer, não parei de comer tipo ficar anoréxica, porque eu não

conseguia, porque eu tenho pressão baixa, porque se eu fico sem comer eu já começo a ver estrela, mas eu ficava tipo... comia uma ou duas vezes ao dia. E emagreci, bastante. Hoje eu vejo as fotos e fico assim “gente, e eu me achava gorda”. Eu tava assim ó, dessa finurinha (mostrou o dedo mínimo), e eu tava me achando gorda... Eu olho hoje, e assim, comparativo, e cara essa roupa nem serve em mim mais. E olho o tamanhozinho e fico... por que eu achava que tava imensa de gorda? Na minha cabeça eu tava muito gorda, e eu não, tem que perder mais sabe... por mais que eu emagreça a minha barriga nunca vai embora. Então eu sempre achava que tava gorda. Tava com as perninhas bem fininhas assim, o rostinho mostrando o ossinho, e continuava achando que tava gorda. Nessa época do cursinho eu emagreci bastante. Então quando eu entrei pro IF eu já tava bem magrinha. Hoje eu olho as fotos e fico... eu já tava do jeito que eu queria, e queria mais e mais, mas continuava insatisfeita com o resto assim sabe...” (Júlia)

A fase em que Júlia se encontrava, a adolescência, é na qual mais se percebe essa situação, em muitos casos devido à pressão da própria exigência, em conjunto às mudanças próprias do período da vida, com a perda do corpo infantil e as rápidas transformações corporais (MIRANDA, 2015). A autora ainda diz que: “Por um mecanismo de substituição e deslocamento, a angústia se fixa abusivamente sobre os órgãos que, na fantasia, ficam carregados de sentidos, como forma de defesa contra descompensações ainda mais graves” (MIRANDA, 2015, p. 194). Para além dos aspectos internos, devemos considerar que nesse momento de mudança do corpo, o olhar que o outro direciona ao corpo da mulher também muda (PEREZ; JACOBSON, 2016), e para visualizar melhor podemos usar como exemplo a sexualização do corpo da mulher, da qual a adolescente passa a ser vítima.

Júlia via em si mesma uma gordura que não existia, uma gordura que é vista como defeito pela sociedade. A existência do que socialmente pode ser considerado um defeito, de acordo com Miranda (2015), pode levar o sujeito a grande sofrimento, incluindo aspectos relacionados à solidão e exclusão.

A autora também diz que os pacientes que sofrem desse sentimento “negam o parecer do outro e somente acreditam naquilo que imaginam a respeito de seu corpo”. (MIRANDA, 2015, p.193) Essa afirmação faz pensar se essa negação de fato acontece, ou se em alguns casos não poderia ocorrer o

contrário, ou seja, o aceitar incondicional do parecer do outro – em outras palavras, a aceitação das exigências da sociedade sobre aparência do corpo – e a partir disso incorporar essa visão de si. Como saber o que vem primeiro? Utilizando o caso de Júlia, será que ela passou a ver seu próprio corpo de forma distorcida após a incorporação das falas que ressaltavam seu peso, ou será que deu mais atenção a esses discursos por serem eles condizentes com o que já pensava em relação a si mesma? Impossível saber sem uma análise mais profunda, mas talvez esses pontos sejam indissociáveis e não seja possível distinguir as causas das consequências.

Seguindo essa linha de pensamento, Miranda (2015, p. 203) diz: “No encontro com o outro, existe uma função especular integradora que garante a representação do si mesmo”. Pensando o caso de Júlia, de acordo com a autora, a função integradora pode ter agido de forma contrária, como desintegradora da ainda frágil organização do ego.

E o suposto defeito, seja ele real ou imaginário, fruto dessa articulação entre críticas, fragilidade egóica e imposição social e cultural e entre tantos outros possíveis desencadeadores, “transforma-se em elemento altamente perseguidor, pois, ao mesmo tempo em que denuncia que o ego tem um dano antigo, ele próprio, a cada mirada, é o agente danificador de sua vida, física e psíquica.” (MIRANDA, 2015, p. 2016)

E o defeito, como elemento altamente perseguidor, pode ser visto como perpetuador do papel exigente do superego, este que é impositivo quanto ao ideal, que age de forma sádica e reguladora, e que parece não ficar satisfeito facilmente. Esse superego também se torna mais violento ainda em decorrência dos ideais rígidos, que são impostos socialmente (FERNANDES, 2006).

É importante lembrarmos que o superego age em conformidade com a cultura, neste caso a ocidental, uma cultura também exigente, que busca uma homogeneização dos sujeitos, através da imposição de padrões. Padrões, ou melhor dizendo, padrão de perfeição e completude, próprio do nosso tempo (FERNANDES, 2006). Essa lógica é violenta com todas as mulheres que estão sujeitas a essas imposições, mas principalmente com as mulheres negras, que são expostas ao ideal branco.

Fernandes (2006) traz também a questão da “fetichização do corpo”, que pode ser percebida através da preocupação com o corpo, não necessariamente com a saúde, mas principalmente com a forma, sendo a mais almejada a forma magra. Esse corpo fetiche é imune ao envelhecimento, à fraqueza, à doença, à morte e às vulnerabilidades próprias da existência humana.

Apesar de essas serem questões trazidas pelos humanos, de forma geral, a autora ressalta o papel das mulheres como porta-vozes dos padecimentos próprios de cada tempo, e neste caso, da contemporaneidade. Ela utiliza como exemplo a fervorosidade religiosa na Idade Média, seguida pela repressão dos desejos sexuais nesse período e em seguida, na modernidade, e a recusa alimentar dos tempos atuais (FERNANDES, 2006). É importante ressaltar que esses exemplos trazidos pela autora são europeus, e dizem respeito às mulheres que, apesar de todas repressões, ainda assim conseguiram espaço para demonstrá-las. Os exemplos nunca são universais, e a própria Fernandes (2006) ressalta que assim como há diferenças ao longo dos tempos, também há entre as diversas culturas existentes no mesmo período.

Fernandes (2006) fala que em todas as épocas determinados corpos foram ressaltados e valorizados, bem como outros foram violentados. Porém é importante ressaltar que a valorização não exclui a violentação do corpo, e ambas acabam andando juntas em alguns casos. Um exemplo é a busca pela magreza excessiva, que se destaca aqui por ser exclusiva do momento atual. Ela ainda diz que as mulheres escravizam seus corpos em busca do ideal, que valorizam a vaidade em detrimento do bem-estar. Todavia essa afirmação parece rasa, uma vez que destaca o que acontece na superfície, utilizando o fato de que mulheres estão deixando de comer e sofrendo prejuízos na saúde física e psíquica, para alcançar um ideal de beleza inalcançável, e deixando de lado o que está por trás. Estariam as mulheres realmente escravizando seus corpos, ou estariam elas sendo escravizadas? As escolhas que fazem são totalmente conscientes? Ao longo deste trabalho vimos que essa afirmação é problemática e questioná-la tendo em vista o contexto cisheteropatriarcal, racista e capitalista que vivemos é fundamental.

Tanto Júlia quanto Margot estão inseridas nesse contexto cultural e sofrem as violências dessas lógicas. Margot encaixa-se no ideal branco e magro, entretanto estar incluída nesses aspectos não basta para que atinja o ideal e que não sofra devido à imagem do corpo. Júlia, por sua vez, distancia-se do ideal imposto socialmente por ser negra. Se todas as mulheres já estão distantes do ideal por ser ele inalcançável, as mulheres negras encontram-se mais afastadas ainda, por não se encaixarem em uma das principais características impostas: a branquitude. O racismo atua como fator estruturante do sofrimento em relação ao próprio corpo, em articulação com a lógica patriarcal.

Para aprofundarmos as questões aqui trazidas, é importante investigar sobre o que as mulheres sabem sobre as questões relativas à satisfação corporal, bem como perguntar se ter conhecimento sobre essa temática é suficiente para atingir a satisfação em relação ao próprio corpo e superar as dificuldades vivenciadas até o momento.

6.5.Saber versus sentir

Existe, atualmente, uma vasta teoria sobre as situações das mulheres na contemporaneidade, incluindo diversos textos que foram mencionados neste trabalho, e outros tantos que ficaram de fora. As mulheres que têm acesso à leitura e à internet talvez já tenham tido contato com alguns deles. Não é um grande mistério toda a influência da sociedade, da história, da cultura, da mídia, e dos demais sujeitos nas nossas relações com nossos corpos. Júlia e Margot sabem que existem fatores externos a elas que as levam por esse caminho da insatisfação. Veremos alguns exemplos:

“Ah... corpo é um, é um tema sempre muito presente, porque sei lá, eu tenho todas essas consciências, essas coisas de internet que a gente acaba entendendo mais sobre assuntos diversos, sobre ser uma construção social, sobre serem padrões, que te fazem querer... que na real talvez tu nem quisesse né, mas te enfiaram na cabeça que tu tem que querer, então se o certo é barriga chapada então eu quero. E apesar de saber tudo isso eu ainda quero (risos). Ainda tenho, ainda sinto... meu lado consciente se sente culpado, fica pensando “tá mas é um padrão, é só padrão, tu vai ser só mais uma querendo o padrão?”, mas eu fico “ah eu ia ficar tão bonita” (risos), eu acho

que eu ia ser mais feliz, se eu pudesse botar minha barriga de fora e vestir 38. Mas é uma luta, é uma briga bem, acho que desde a pré-adolescência, é uma briga constante com o corpo. Tive momentos mais tranquilos, mas tive momentos bem ruins, de me odiar e de não me olhar no espelho.” (Júlia)

“Toda essa ideia de corpo livre, que tu tem que te amar do jeito que tu é, mesmo que tu procure melhorar, tem que te amar do jeito que tu é porque... é teu corpo, é tua casa, tu não tem o que fazer, tem que aprender a conviver com ele. Na teoria acho lindo, mas na prática... eu fico triste quando eu não entro da roupa que eu quero. Me sinto hipócrita porque... porque eu entendo, e mesmo assim não consigo, não consigo tirar os conceitos da minha cabeça.” (Júlia)

É interessante quando Júlia cita o “lado consciente” como se sentindo culpado, como se houvesse uma cisão dentro dela, entre saber e sentir. E o sentimento de culpa não aparece apenas nesse aspecto, ele perpassa por diversas situações de ambas as participantes. Podemos encontrar sentimentos que vão ao encontro disso ao longo das falas de Margot e de Júlia, como a vergonha.

“O que eu mais sinto é vergonha mesmo. Sinto vergonha de ter deixado fazer isso comigo. Porra, tu te odiava tanto a ponto de deixar alguém te tratar desse jeito? Desprezível. Não é... não é culpa minha, porque eu não tinha essa consciência, não tinha esse senso, eu só pensava que eu não queria que, sabe, sei lá quando tu come uma comida ruim e tu diz que tá boa? Porque tu não quer desagradar a pessoa que fez? Só que num nível mais acima né, de chorar de dor pra não querer desagradar. Como se o único jeito, o único caminho que tivesse fosse dolorido.” (Júlia)

“Eu me lembro que eu ficava com vergonha. E... ficava triste assim, porque daí eu pensava que do jeito, que ele queria que eu fosse de algum jeito específico, que eu não tava agradando. E que... por não ser do jeito que ele queria eu tava perdendo ele sabe? E que, sei lá, se passasse qualquer outra guria que fosse o corpo que ele queria, ele ia perder o interesse.” (Margot)

É possível pensar esses sentimentos, de culpa e vergonha, como expressões das exigências do superego, as quais, por sua vez, representam a interiorização das exigências sociais, nesse caso voltadas para ter que agradar os outros, principalmente os homens. Isso evidencia o lugar objetificado que é imposto às mulheres em nossa sociedade e como isso é interiorizado e passa

a fazer parte de nossa dinâmica psíquica, principalmente através das exigências superegoicas e do ideal de eu que construímos. E, devido a isso, torna-se importante estarmos atentas para as diversas formas sob as quais as ordens superegoicas se apresentam. Qualquer ideia pode passar a funcionar como um modelo de ideal, qualquer situação pode vir a agir de acordo com as imposições feitas pelo superego.

A partir deste ponto, podemos considerar as ideias de “corpo livre” citadas por Júlia, bem como todos os conhecimentos adquiridos pelas mulheres ao longo dos últimos anos sobre as imposições sociais e os fatores que as levam a ter determinadas relações com seus corpos, como possíveis fontes de sofrimento, quando são transformadas em mais uma exigência, em mais um fator que passa a compor o ideal de eu.

A possibilidade de aceitar o próprio corpo tal qual ele é toma o lugar de uma exigência, mais um ponto a ser cumprido para se atingir o Ideal de Ego, e, conseqüentemente, mais uma provável fonte de frustração, culpa, vergonha e desqualificação. Vimos que para além das exigências de Júlia e Margot em relação à aparência de seus corpos, surge outra demanda da ordem do Ideal, a obrigação de aceitar seus corpos, de não sofrer em função da imagem corporal. Como não sofrer em uma sociedade patriarcal que impõe ideias inalcançáveis para as mulheres? Podemos perceber que são demandas contraditórias, e, portanto, destinadas ao fracasso. Para além de seus corpos não serem os corpos supostamente “adequados”, seus sentimentos também não são, apesar de todo o conhecimento adquirido que lhes diz que não é assim que deveriam pensar. Os sentimentos de culpa e vergonha parecem surgir a partir dessa dupla frustração. Voltaremos às narrativas com as falas de Margot:

“Ah... às vezes eu acho que é tudo drama. Às vezes eu ficava pensando na minha psicóloga me olhando falar, e eu sempre começava assim “eu sei que tem gente com problema muito pior que o meu”. Ah... não sei, sempre foi muito complicado assim. Até fazer terapia...” (Margot)

“Não sei, é bem difícil às vezes, porque parece muito drama. Parece quando eu conto pras pessoas, parece muito superficial. Quando eu paro pra pensar, quando eu penso nas coisas que eu penso sobre mim, que sinto e tudo que eu sei que já passei, é... muito grande assim, eu não consigo explicar pras

peças. Parece que eu não consigo evoluir na terapia, parece que eu não consigo explicar direito. Ou realmente o que eu falo não é nada mesmo e eu que to criando uma tempestade dentro de mim, e aquilo não é... não sei sabe.”
(Margot)

Margot e Júlia entendem que o que sentem não é culpa delas, entendem que tudo que lhes é imposto não passa de construção social, elas têm o conhecimento necessário sobre o assunto, e mesmo assim permanecem tendo os mesmos sentimentos, acrescidos de culpa por, apesar de saberem, ainda sentirem. À exigência do corpo perfeito foi adicionada a da aceitação incondicional. E a lógica da culpabilização repete-se novamente. O que indica que há a constituição de uma dinâmica psíquica constituída a partir de uma relação específica entre ego, superego e ideal de ego que engendra uma relação de ódio de si e conseqüentemente de culpabilização e desqualificação, principalmente vivenciada pelas mulheres negras, como conseqüência do racismo.

Portanto a dinâmica social estrutura uma dinâmica psíquica marcada pelo ódio, pela culpa, pela punição (suportar o sofrimento e desqualificação) isso matizado pela experiência singular de cada mulher. Como vimos, as mulheres são as mais acometidas pela questão trazida, o que nos leva a entender que as questões de gênero e de sexo são umas das principais a serem pensadas, não no sentido de ser naturalmente questões femininas, mas por terem sido socialmente construídas e impostas ao gênero feminino.

Ayouch (p. 65, 2014) diz que: “Como o gênero, o sexo também é uma construção cultural e histórica: a anatomia não é um destino, mas uma fabricação histórica.” A partir desta afirmação, entendemos que o que se pensa como masculino e feminino ainda hoje, não passa de algo criado por nós, e reproduzido constantemente, como uma verdade biológica. A existência de determinada anatomia, de determinado órgão sexual em um sujeito, dentro da nossa sociedade e da nossa cultura, já vem entrelaçado a uma ideia preconcebida de masculino e feminino, e junto a isso, do que é ser homem ou do que é ser mulher. Junto a essa proposta, e com base em outros autores, Ayouch (2014) vai apresentando a ideia de que o gênero surge antes do sexo, socialmente pensando, ao contrário do que ainda é constantemente exposto, de que o sexo precederia o gênero, definindo-o.

Vamos fazer uso novamente das palavras do autor, que explicam perfeitamente a ideia que aqui está se tentando trazer. Ayouch (p. 66, 2014) diz que:

O gênero, o sexo produzido pelo gênero e a diferença entre os sexos são, portanto, performativos, no sentido de Austin (1965): os discursos, atos, gestos e desejos considerados como conformes a um sexo ou a outro criam a ilusão de um núcleo interno (do sexo), e esta ilusão é mantida pela repetição constante da norma. Ser mulher ou ser homem consiste aqui em retomar gestos, atos, discursos, desejos, atitudes, e repeti-los. Mas é a imitação reiterada que cria a ideia de um modelo original – que não existe fora desta repetição, mas resulta da performatividade. Esta performatividade do gênero e a produção do sexo que ela determina não é, porém, uma escolha deliberada: é uma interpelação social. Não é um ato subjetivo isolado, mas uma reiteração coletiva, uma atribuição normativa.

Pensando a partir desta fala, será que podemos entender as relações que algumas mulheres estabelecem com seus corpos a partir desta performatividade de gênero? Não falo aqui de uma forma única de se relacionar, muito menos que as mulheres são um grupo homogêneo, como já foi demonstrado, ao longo deste trabalho, que este não é o caso. Mas pode-se perceber uma “diferença entre os sexos” socialmente instituídos, quanto à forma de se relacionar com o corpo. Já vimos aqui os aspectos históricos, sociais e culturais referentes a essa diferenciação, e toda a imposição que é feita explicitamente para a cultivação de corpos femininos “perfeitos”, objetificados e subalternizados.

Através do trecho citado anteriormente, podemos pensar em que até mesmo quando a pressão social é diminuída, talvez os comportamentos, pensamentos, desejos e a própria relação com o próprio corpo permaneça a mesma. Mesmo que hoje, pensando em termos gerais, as mulheres tenham adquirido muitas conquistas se compararmos aos séculos anteriores, e que nos últimos anos tenha-se feito um movimento de libertação quanto às imposições sociais, ainda assim, socialmente pensando, talvez a preocupação excessiva com o próprio corpo ainda seja marca do “sexo feminino”. É muito perigoso quando não reconhecemos que isso foi imposto, e pegamos essa relação

conflituosa com o corpo como algo pronto, como se fosse uma característica biológica do sexo feminino, sendo esse sexo mesmo algo biológico, e normalizamos essa relação, normalizamos parâmetros de feminilidade. Quando não reconhecemos que o masculino e o feminino são inventados, criados e impostos, corremos um grande risco de sermos violentos para com o outro, seja na vida cotidiana, seja na clínica, ou em qualquer outro campo de atuação, uma vez que esse outro não seria o normal, mesmo que o normal tenha sido criado por nós.

Quando não reconhecemos todo o caráter estrutural das questões de gênero e de raça, somos levadas a entender as relações das mulheres com os próprios corpos como algo individual, e, com isso, abrimos caminho para os sentimentos de culpa e vergonha quando apesar de as mulheres terem conquistado o conhecimento sobre “toda a teoria”, permanecem insatisfeitas com os próprios corpos e buscam alcançar um ideal de beleza inatingível. Júlia e Margot são um exemplo dessa questão, e reiteram ao longo de suas falas que concomitantemente ao sofrimento em relação à imagem corporal, está presente o conhecimento que foi trazido até aqui.

Por fim, é importante ressaltar que apesar de termos mencionado que mesmo quando a pressão é diminuída, a crítica já está internalizada, nestes casos as críticas externas estiveram bastante presentes. Seja a crítica em relação à magreza, à vestimenta, ao não uso de maquiagem, como é o caso de Margot, seja um suposto aumento de peso, o cabelo cacheado e a pele negra de Júlia, o machismo e o racismo se mostraram constantemente presente nas relações de ambas com as outras pessoas, principalmente em relacionamentos íntimos.

6.6. Pandemia de COVID-19 e as repercussões na relação com o corpo

A pandemia de COVID-19 iniciada na China, se disseminou rapidamente pelo restante do mundo e o Brasil foi mais intensamente atingido a partir de março deste ano, 2020, quando foram iniciadas as medidas de cuidado e distanciamento social. A doença não depende exclusivamente de aspectos biológicos, tendo assim uma ligação significativa com os aspectos sociais, os quais devem ser pensados quando se estuda os efeitos da pandemia nos sujeitos (SOUZA, 2020).

As vivências da pandemia pelos indivíduos e determinados grupos sociais são atravessadas pelos aspectos mais gerais, como contexto social, cultura, aspectos históricos, e outros mais específicos de cada um, como a classe social na qual se está inserido, a raça, idade, gênero, entre outras. A relação entre todos os pontos pode ser pensada através do conceito de interseccionalidade, originado pelo movimento do feminismo negro, e explicado aqui através dos textos da autora Carla Akotirene (2018). Devemos entender que a pandemia não é vivenciada por todos da mesma forma, e que as opressões sofridas pelos sujeitos, opressões que sempre existiram, foram intensificadas ou evidenciadas nesse momento. Podemos pensar a questão da pandemia de COVID-19, uma doença atual, tendo como base epidemias já ocorridas. Akotirene (2018, p. 44) diz:

[...] mulheres negras pobres pariram filhos com microcefalia, não por causa da pobreza, todavia, porque são negras, vítimas do racismo, gerador de pauperização, atendimento público precário, ausência de saneamento, impedindo os mosquitos de picarem trabalhadoras brancas com a mesma frequência. Epidemias como zica e microcefalia são, antes de tudo, dimensões do racismo institucionalizado, conforme explica a epidemiologista e pesquisadora de interseccionalidade Emanuele Góes.

Portanto, quando pensamos aqui a questão da pandemia, não pensamos ela através da universalidade. Ela está existindo no mundo como um todo, mas a existência é múltipla, e as consequências dela em cada sujeito e cada comunidade também é. A seguir estão alguns relatos sobre como está sendo vivenciar a pandemia para as mulheres que participaram desta pesquisa.

“E como tá me afetando tudo isso sabe, porque eu já tenho facilidade pra emagrecer quando eu fico nervosa, quando me dá ansiedade assim e essas coisas, e também a rotina que tá agora ali no laboratório, eu chego a ficar sete horas sem ir no banheiro, sem comer, direto, porque quando a gente se veste não dá mais pra sair sabe, a gente fica usando toda aquela paramentação, pra poder sair da sala tem que tirar tudo, e passar hipoclorito, e é uma baita função assim. Então a gente chega a ficar 7 horas ali sem ir no

banheiro, sem comer, sem tomar água, e... tá pegando bastante assim agora. No começo eu até não me importava muito, porque eu achei que valia a pena sabe. Achei que eu tava fazendo a diferença, que era o certo, que era minha profissão, que eu tinha que tá ali fazendo aquilo, e daí essa semana agora, de ficar vendo jornal, ler na internet, eu comecei a pensar... não sei se tá valendo a pena sabe? Porque eu to me acabando, eu to emagrecendo, eu to perdendo peso, eu to cansada, eu to exausta, eu to com medo, eu to com ansiedade, e ta todo mundo na rua.” (Margot)

“... nunca perdi 4 quilos assim de uma vez só sabe. E nem notei sabe, eu nem vi diferença, aí ontem que eu tava na fisioterapia que eu me olhei no espelho e pensei meu deus do céu... o que tá acontecendo? E... e isso afeta muito minha autoestima. Porque eu já tô mal... com tudo que tá acontecendo, daí eu me olho, aí eu penso meu deus do céu, não vai sobrar nada no final do ano sabe. Daí já... já começo a achar que não tô bonita, que não, começa a vim todos aqueles pensamentos que eu já tinha sobre mim sabe, daí... já piora, eu penso que não consigo nem me manter saudável. Mentalmente, agora fisicamente.” (Margot)

Nos relatos de Margot é possível perceber como a pandemia tem repercutido na sua relação com seu corpo, e, em contrapartida, como essa relação afeta a vivência dela da pandemia, tornando-se assim mais um fator de sofrimento.

Júlia também trouxe a questão da pandemia de forma relacionada com o corpo e com a sua relação com a comida.

“Por enquanto não to fazendo muito esforço... no início da quarentena, no início da quarentena eu comi tudo que tinha, muito muito muito muito. Eu fico ansiosa e eu começo a comer. E meu problema é que eu como muito doce. Eu sou uma formiga, se quer me ver irritada é não ter doce, é eu querer comer doce e não ter, eu fico louca, quase bato nas pessoas, é praticamente uma crise de abstinência (risos), eu não sei como, eu não bebo, não fumo, mas meu doce (risos), tu me dá aqui, se eu não comer eu fico muito agressiva, enquanto eu não como o doce que eu quero eu infernizo a vida das pessoas. Então se eu fico... normalmente eu já como doce todos os dias, se eu tiver estressada aí é o dia inteiro comendo doce né. No início da quarentena eu comi, ainda to comendo muito porque minha cara tá... as espinhas tão brigando pra vê quem

é que ocupa espaço. Aí depois eu comecei a caminhar, e eu tava indo lá, bonitinha, todos os dias, começando a correr, daí ficou frio. Aí eu parei de correr, aí já to assim ó, vou chamar minha amiga porque preciso caminhar, preciso correr porque alguma coisa vou ter que fazer, vou ter que me mexer porque não vai dar não... Já entrei na academia num curto período de tempo, aí eu descobri que não ia ser em 3 meses que eu ia virar a musa fit aí eu ah... não quero mais (risos), isso aqui dá muito trabalho. Porque eu não, eu não consigo não me comparar, é uma coisa que tipo eu sempre me comparo em tudo, e obviamente tu sempre vai te comparar com quem tá melhor que tu né, porque tu não quer baixar o nível.” (Júlia)

No seu discurso podemos perceber a tentativa de compensar o que ela considera ser um exagero no consumo de doces. Ela associa o estresse à vontade de comer, o que teria o propósito de gerar um alívio, mas que, entretanto, parece levar a algo oposto, a culpa e tentativas de expulsar do corpo o que foi ingerido. Nesse sentido, parece não haver um momento de conforto e alívio, e sim de mais estresse, o qual, nesse momento, tem como um dos fatores desencadeadores a pandemia.

Como vimos nestes relatos, a pandemia afetou ambas as mulheres em diversos âmbitos de suas vidas, incluindo as relações com os próprios corpos. Enquanto uma ficou preocupada com o possível aumento de peso devido à falta de exercício físico e acréscimo no consumo de doces, preocupação essa que vem junto à culpa em decorrência da alimentação, outra foi afetada pela perda de peso, por estar mais magra que o habitual e ter piorado os hábitos alimentares, esquecendo-se de realizar as refeições. Se engordar não é o ideal, se emagrecer não é o ideal, existe algum ideal do qual alguma mulher poderá se aproximar?

7. Considerações finais

7.1. Sobre o trabalho

Acredito que, como qualquer assunto a ser pesquisado, esse deixa evidente sua complexidade, e traz materiais para muitas análises. Um dos primeiros pontos a ser ressaltados é o método utilizado, que permitiu a investigação da pesquisa de formas múltiplas e totalmente implicada. Ele proporcionou que o tema fosse pensado de tantas formas quanto fosse possível, sempre tendo em vista que não está ao nosso alcance estudar o conteúdo como um todo, por ser ele inacabável.

O segundo ponto, dentro dos mais ressaltados através das narrativas, é o fato de existirem, concomitantemente, muitas vivências parecidas entre as participantes entrevistadas, e outras totalmente diferentes e particulares. Essa questão nos mostra a importância da interseccionalidade trazida ao longo do trabalho, com as encruzilhadas e pontos de diferenciação. A questão da violência, que nem havia sido pensada como um dos objetivos a ser explorado ao longo da pesquisa, surgiu em tal intensidade que se sobressaiu em relação às outras questões.

Outro aspecto que se mostrou importante ao longo das leituras e do trabalho de pesquisa foi o fato de a imagem do corpo nem sempre coincidir diretamente com o corpo físico em si, como é o caso de Júlia. Bem como o fato de estar dentro do padrão de beleza não ser o suficiente para atingir uma satisfação com a própria imagem, como podemos ver na experiência de Margot. Isso evidenciando uma lógica social de exigência e desqualificação que é imposta às mulheres.

Uma delas traz como fator de sofrimento o fato de acreditar estar com mais peso do que gostaria, e, em contrapartida, a outra tem menos do que deseja. Uma recebe demasiada atenção sobre seu corpo, com diversas situações nas quais sofre invasões por parte dos outros, enquanto a outra já acredita que não é olhada ou desejada. E ambas trazem que não são vistas como mulheres, apesar de esse sentimento ter origens diferentes em cada uma, sendo em Júlia a questão do racismo, e quem não a vê como mulher são preponderantemente homens brancos, e em Margot a questão do formato do

corpo, e o sentimento de parecer infantil, principalmente quando comparada com a irmã.

O papel dos relacionamentos românticos nas relações com os próprios corpos também pareceu uma questão significativa, não necessariamente como desencadeadores diretos da insatisfação, mas como possíveis intensificadores do sentimento, uma vez que as relações como um todo são a base da constituição das relações dos sujeitos com seus corpos. Essa influência faz sentido, uma vez que esses relacionamentos parecem expressar, de forma mais direta, as exigências da cultura e do contexto em geral. Essas exigências aparecem de forma direta e indireta, sendo as primeiras através das críticas dos namorados, bullying, racismo, e as outras, de formas mais sutis, surgem dentro das mensagens do ambiente, através dos modelos utilizados nas propagandas, nas redes sociais, entre outras. Entretanto, sejam mensagens explícitas ou não, se apresentam já introjetadas pelas mulheres aqui entrevistadas, e acreditamos que por muitas outras.

A questão do racismo também precisa ser destacada aqui, por ter se mostrado bastante presente ao longo das entrevistas e da vida de Júlia. Quando trazemos aqui uma questão da relação de insatisfação com os corpos como algo mais predominantemente vivenciado pelas mulheres, o racismo deve ser tratado como algo que gera repercussões diretas nas relações das mulheres negras com seus corpos. Não podemos tratar essa questão como algo exclusivo da vivência de gênero, pois as mulheres não vivenciam essas questões de forma homogênea.

Ao longo desta pesquisa buscamos investigar como se dão as relações das mulheres com seus corpos, e observamos e levantamos alguns pontos que se destacaram, tanto ao longo das leituras quanto no decorrer das entrevistas e das análises. Tendo em vista que a insatisfação com o corpo é um problema presente na vida de muitas mulheres, e afeta a saúde mental, ressaltamos aqui a importância de continuar a investigação no tema, visto que o assunto não se esgotou nem se esgotará facilmente. Devem ser feitas mais pesquisas no sentido de analisar mais aprofundadamente sobre a autoimagem corporal das mulheres, atravessadas pelas questões de gênero, raça e outros marcadores sociais que não foram abordadas aqui, bem como no sentido de pensar possibilidades do que pode ser feito para que se consiga ultrapassar a

barreira do “saber” sobre as questões referentes à insatisfação corporal, para de fato sentir as mudanças nessas relações, pois, como vimos aqui, apesar do acesso ao conhecimento ser fundamental, ele não é o bastante quando se trata de violências socialmente estruturais.

7.2. Minhas impressões

O percurso deste trabalho foi longo, iniciado há um ano e meio, em meados de 2019. Com o surgimento da pandemia de COVID-19 tornou-se necessário o adiamento, e ao longo desse tempo houve momentos de aproximação e afastamento em relação ao material da pesquisa. No decorrer do tempo também foram se alterando os olhares sobre o texto, e as alterações e ressignificações sobre o que foi escrito foram constantes e permanecerão sempre incompletas. É importante reafirmar que a análise aqui feita não tem a intenção de esgotar o tema, pelo contrário, melhor será se possibilitar o surgimento de novas questões.

Como tem sido dito desde o início do texto, a pesquisadora não é neutra, e o interesse por esse tema de pesquisa já diz muito sobre os afetos. Dito isto, existiram momentos difíceis, principalmente ao longo da escuta das mulheres que participaram, e que tanto contribuíram com este trabalho.

Foi emocionante escutar situações com as quais eu me identificava, por já ter vivenciado algo semelhante, bem como foi comovente escutar histórias sobre experiências as quais se distanciam bastante das minhas próprias vivências. A insegurança anterior a cada encontro era esquecida ao longo da escuta das narrativas, devido à imersão nas histórias.

O meu interesse tem a ver diretamente também com as mulheres que participaram da pesquisa, Júlia e Margot. Inicialmente eu estava receosa, acreditando que seria difícil encontrar pessoas que se dispusessem a participar de uma pesquisa que duraria provavelmente mais de um mês, com até cinco encontros, todos por chamada de vídeo, e, principalmente, que quisessem compartilhar histórias tão íntimas. Para minha surpresa a resposta foi rápida, e infelizmente não foi possível escutar todas as mulheres que demonstraram interesse em participar.

Apesar de o assunto central da pesquisa ser a relação que as mulheres estabelecem com seus corpos, as entrevistas não eram direcionadas ao tema,

sendo possível falar livremente sobre os assuntos que elas acreditassem ser mais relevantes. E apesar de ambas compartilharem as mais variadas histórias, que ocorreram desde a infância, em todos os encontros as narrativas caminhavam em direção ao tópico principal.

Ao fim dos encontros, já ao longo das transcrições, eu me pegava pensando como incluiria todo aquele material no texto principal. No primeiro momento da análise, quando reli as entrevistas e fui separando os trechos que mais me chamavam a atenção, percebi que o material destacado era quase a totalidade das entrevistas transcritas. Como deve ser presumível, não foi possível utilizar todas as histórias contadas por Margot e Júlia. Esse foi um ponto de frustração do trabalho, mas, concomitantemente, a gratidão é enorme por ter tido a oportunidade de escutar narrativas que mexeram tanto comigo.

Espero que os relatos também tenham despertado sentimentos em quem os leu. Imagino que, apesar de cada história ser única e ninguém saber exatamente o que Júlia e Margot passaram e sentiram, seja possível estabelecer identificações pelas histórias e que os casos tenham aspectos em comum com as vidas de muitas de nós.

Por fim, após acrescentar partes das narrativas das participantes e construir o texto da forma como ele seria apresentado no final, resolvi manter a parte do projeto, na mesma estrutura na qual foi feita inicialmente. Acredito que o caminho percorrido ao longo da leitura deste trabalho expressa o percurso feito no decorrer da escrita, representando, desta forma, a construção do projeto e da pesquisa e, principalmente, minha construção (que permanece em aberto) como escritora deste trabalho. O que a metodologia propôs sobre a não neutralidade e a influência da pesquisa na pessoa pesquisadora se evidenciou, para mim, no decorrer desta experiência, uma vez que meu olhar sobre este texto já não é o mesmo do início, e certamente viria a mudar caso ele não fosse “finalizado” nesse momento.

8. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320 p.

AYOUCH, Thamy. **A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções.** Revista Brasileira de Psicanálise, Associação Brasileira de Psicanálise, 2014, 48, pp.58 - 70.

Bondía, Jorge Larrosa. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.

BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 40, n. 72, p. 47-62, jun. 2007 .

Birman J. O sujeito desejanete na contemporaneidade. Notas da abertura da Conferência “II Seminário de Estudos em Análise do Discurso”, em 31/10/2005, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade:** Espaço, dor e desalento na atualidade. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007 .

BRASIL. Lei nº 11.340 de 7 de Agosto de 2006. Lei Maria d Penha: cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher... Diário Oficial da União. Brasília, DF, 8 ago. 2006.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Corpo e contemporaneidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005 .

CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 14, n. 6, p. 950-956, Dec. 2006 .

COELHO, Elza Berger Salema; SILVA, Anne Caroline Luz Grüdtner da; LINDNER, Sheila Rubia. **Violências: definições e tipologias.** 1. ed. Florianópolis - SC: UFSC, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA; CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência**. 1. ed. Brasília: [s. n.], 2013.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016**. [S. l.], 24 maio 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 1. ed. [S. l.]: Contraponto, 2007.

DOCKHORN, Carolina Neumann de Barros Falcão; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Estratégia Clínica-Interpretativa: Um Recurso à Pesquisa Psicanalítica. **Psic. : Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 31, n. 4, p. 529-535, dezembro de 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1. ed. [S. l.]: Elefante, 2017.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas**. 1. ed. [S. l.]: Boitempo, 2019.

FERNANDES, M. H. **Corpo: Clínica Psicanalítica**. 4° Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FERNANDES, Maria Helena. **Transtornos Alimentares**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 42. ed. [S. l.]: Vozes, 2014.

HOOKS, bell. **o feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

KAËS, René *et al.* **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. [S. l.]: Cobogó, 2019.

LAPLANCHE, Jean. **Novos Fundamentos para a Psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean. **Sexual**: A sexualidade ampliada no sentido Freudiano. 1. ed. [S. l.]: Dublinense, 2015. 279 p.

LAPLANCHE, Jean. **Teoria da sedução generalizada**: e outros ensaios. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino**: A medicina da mulher nos séculos XIX e XX. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MIRANDA, Marina Ramalho. Dos transtornos alimentares aos transtornos dismórficos corporais: O corpo em foco. *In*: WEINBERG, Cybelle *et al.* **Psicanálise de Transtornos Alimentares**. 1. ed. [S. l.]: Primavera Editorial, 2016. v. II, p. 191-208.

PEREZ, Camila Deneno; JACOBSON, Patrícia Gipsztein. Corpo e virtualidade: Os transtornos alimentares na tecnocultura. *In*: WEINBERG, Cybelle. **Psicanálise de Transtornos Alimentares**. 1. ed. [S. l.]: Primavera Editorial, 2016. v. II, p. 47-58.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SILVA, Clarice Moreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O Método Psicanalítico de Pesquisa e a Potencialidade dos Fatores Clínicos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 520-533, setembro de 2016.

SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2469-2477, June 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 1. ed. [S. l.]: LeBooks, 2019.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO A



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE MEDICINA, PSICOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL

Eu, Larissa Menezes Lopes Quintana, estudante de psicologia da Universidade Federal de Pelotas, convido-a a participar do processo de coleta de dados da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada “Como as mulheres se relacionam com os próprios corpos: um recorte de raça a partir da perspectiva psicanalítica”, sob orientação da Prof.^a Dra Camila Peixoto Farias. Tal pesquisa objetiva compreender os principais aspectos que caracterizam as possíveis relações que as mulheres têm estabelecido com seus corpos, no contexto atual, a partir de atravessadores sociais, culturais e psíquicos.

A sua participação consistirá na realização de entre três a cinco entrevistas individuais, realizadas pela pesquisadora, através de uma pergunta relacionada ao tema de pesquisa, devendo ser realizada de forma voluntária e não remunerada. As entrevistas serão realizadas de forma online, devido à necessidade de isolamento social, por consequência da COVID-19, para sua proteção e proteção da pesquisadora. Para melhor registro dos dados, a entrevista poderá ser gravada, se isso for de sua concordância. Destaca-se que será mantido o seu anonimato, ou seja, o seu nome ou quaisquer dados que possam vir a identificá-la não serão utilizados.

Fazer parte da pesquisa não lhe trará benefício direto, mas contribuirá para o estudo em andamento. Os riscos provenientes da situação de pesquisa referem-se à possibilidade de emergência de lembranças desagradáveis, o que pode causar desconforto. Caso em algum momento você se sinta desconfortável, e entender que gostaria de falar sobre o assunto, a pesquisadora se compromete a conversar com você sobre isso e, se for o seu

desejo, sugerir a busca por um serviço de apoio psicológico para que você possa conversar posteriormente.

Sempre que achar necessário, você poderá solicitar esclarecimentos sobre aspectos da pesquisa à pesquisadora, através das formas de contato expostas abaixo, sendo também possível desistir da participação em qualquer etapa do trabalho, sem que isso venha lhe trazer prejuízos. Consentindo participar da entrevista, você deverá assinar esse documento em duas vias, sendo que uma cópia permanecerá com você.

Larissa Quintana

Pesquisadora principal

Graduanda de Psicologia

Dr^a Camila Peixoto Farias

Pesquisadora Responsável

Orientadora

Eu, _____,
informo que fui esclarecida, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, sobre os objetivos, riscos e benefícios, além de ser informada sobre os meus direitos como participante desta pesquisa, da qual aceito participar livre e espontaneamente.

Assinatura da participante da pesquisa

Data: ____/____/2020

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a realização dessa pesquisa, ou ainda, se quiser desistir dela, entre em contato com a Larissa Quintana (Tel: 53 984347985, e-mail: larissamenezeslq@gmail.com).